



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES**

ADILSON PIMENTA DO ROSÁRIO

**QUANDO OS CARAMUJOS VÃO AO FUNERAL E MIRA O AMOR QUE
PARTE...MIRA O AMOR QUE FICA: O PROCESSO CRIATIVO PARA UMA
DRAMATURGIA DA SAUDE**

**BELÉM
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

ADILSON PIMENTA DO ROSÁRIO

DEFESA DE MESTRADO

**Quando os Caramujos vão ao Funeral e Mira o Amor que Parte...Mira o Amor
que Fica: O processo criativo para uma dramaturgia da saude**

Defesa de Mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dra. Benedita Afonso Martins.
(Bene Martins)

Linha de Pesquisa: Memória, Histórias e Educação em Artes.

Belém
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

R789q Rosário, Adilson Pimenta do.
Quando os Caramujos vão ao Funeral e Mira o Amor que
Parte...Mira o Amor que Fica: O Processo Criativo para uma
Dramaturgia da Saudade / Adilson Pimenta do Rosário. —
2024.
71 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Benedita Afonso Martins
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação
em Artes, Belém, 2024.

1. Grupo Cênico da Fundação Curro Velho FCV. 2.
Dramaturgia da saudade. 3. processo criativo. 4.
memórias afetivas. 5. saudades. I. Título.

CDD 792



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos dois (02) dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro (2024), às dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Benedita Afonso Martins (Bene Martins), conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Dissertação de Adilson Pimenta do Rosário, intitulada: **Quando os Caramujos vão ao Funeral e Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que fica: Os processos criativos para uma dramaturgia da saudade**. Perante a Banca Examinadora, composta por: Benedita Afonso Martins (Bene Martins) - (Presidente), Márcia Mariana Bittencourt Brito (Examinador Interno), Olinda Margaret Charone (Examinador Externo). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Benedita Afonso Martins (Bene Martins), passou a palavra ao mestrando, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **reprovação () aprovação (X)**

Excelente

A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Benedita Afonso Martins (Bene Martins) agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da banca e pelo mestrando. Belém-Pa, 02 de dezembro de 2024.

Benedita Afonso Martins (Bene Martins) (Presidente)

Benedita Afonso Martins

Márcia Mariana Bittencourt Brito (Examinador Interno)

Márcia Mariana Bittencourt Brito

Olinda Margaret Charone (Examinador Externo)

Olinda Margaret Charone

Adilson Pimenta do Rosário (Discente)

Adilson Pimenta do Rosário

Dedicado aos meus encantados Adilson Pai,
Adalmira, meu amor eterno,
Raimundo magno - Bibi
e Adalcinda - Tia Teca.

AGRADECIMENTOS

Eis que chegou o momento de abraçar e agradecer os que até aqui comigo estão e estiveram em minha vida para a conclusão dos estudos do mestrado acontecer.

Agradecer a Deus nosso supremo pelas maravilhas e desafios que ele nos conduz.

Agradeço ao meu pai por me ensinar a ler na hora de fazer as atividades da escola em casa. À minha mãe pelo incentivo em minha vida, nos estudos e nas artes. A tia Teca que sempre esteve presente em minha vida, muitas das vezes dando o dinheiro de passagem para ir para a escola ou para a Fundação Curro Velho. A minha irmã Ana Catarina por ser minha inspiração nos estudos e na vida e que com o Lucas, o nosso amor estendeu-se.

A família Rosário na pessoa de minha avó Oscarina, que mesmo com tantas perdas soube construir a sua dramaturgia da saudade sendo um exemplo de mulher com as perdas dos seus filhos e sempre soube como são os modos viver.

Romário- Byxa do mato por toda a amizade e andanças por nossos mundos subterrâneos de grandes conhecimento e acolhidas de refúgios na sua família representado na D. Maria e Rosana por sempre deixarem as portas abertas.

Labo e Luli, pelos dias da icônica semana em casa após a partida de mamãe.

Agradecer aos amigos da Fundação Curro Velho, Neuza Titan por partilhar a sua adaptação, Tia Ester, David Matos (*in memoriam*). Há tantas pessoas queridas que passaram em minha vida e deixaram marcas.

Agradeço à minha orientadora Bene Martins que sem ela não estaria aqui realizando essa etapa em minha vida, a minha banca de defesa Olinda Charone e Marcia Bittencourt.

Aos colegas da turma de mestrado 2022, técnicos, professores e todas as pessoas que trabalham para o Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA existir.

À Universidade Federal do Pará, em que tenho a honra e o orgulho de estudar desde a Graduação em Teatro, ao seu Programa de Pós-Graduação em Artes, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, graças a qual pude financiar essa pesquisa e o resultado no espetáculo Mira o Amor que parte...Mira o Amor que Fica.

ROSÁRIO, Adilson Pimenta do Rosário. Quando os Caramujos vão ao Funeral e Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que fica: O processo criativo para uma dramaturgia da saudade. 2024. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

RESUMO

"Temos Dorflex, paracetamol, dipirona, anador, cataflam original e o genérico.". O processo criativo para uma dramaturgia da saudade, da poesia, da vivência e do Amor nos espetáculos *Quando os Caramujos vão ao Funeral* e *Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica*. ...E para a saudade, qual é o remédio? A relação da saudade e da herança afetiva na arte. Essa pesquisa surgiu da necessidade de estudar o processo criativo de dois espetáculos vivenciados em distintos períodos, e de distintos grupos da cidade, ao qual eu estive presente nessas construções cênicas. Ao abrir manuscritos e álbuns de fotografias de uma gaveta, me reencontro com um grupo de 45 jovens que integravam o grupo cênico da Fundação Curro Velho e vou ao reencontro de diretores, roteiristas, músicos, iluminadores, figurinistas, maquiadores, cenógrafos que integravam as montagens teatrais dos espetáculos do Grupo Cênico da Fundação Curro Velho, fundado em 2002, encerrando as suas atividades em 2010. Todas as produções custeadas pela mesma fundação. O grupo foi pensado pela Professora Olinda Charone. Minha proposta é analisar dois espetáculos, o primeiro de 2003, na montagem de Quando os caramujos vão ao funeral, da adaptação de Neuza Titan, de um conto do escritor francês Jacques Prévert , a mesma assina a direção cênica. É o meu primeiro espetáculo que eu adentro no grupo cênico como ator. A segunda montagem é "Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica". (2021). Produzido e executado pelo Espaço Artístico Cultural D. Mira. Sob a direção cênica de Maurício Franco. Ao qual exerço a função de idealizador do espaço cultural, ator e assino a dramaturgia construída com Wellington Romário e Luciano Cantanhêde. Ambos os espetáculos me atravessam de forma arrebatadora para a arte. Os meus atravessamentos de lembranças, memórias, afetos que enfatizo nessa escrita durante os processos dessas construções coletivas, com devida atenção para as construções das dramaturgias dos dois espetáculos, pois as mesmas foram escritas em momentos de perdas de grandes amores de nossas vidas. Neuza Titan faz a adaptação do texto com uma escrita de uma adequação da mulher amazônida, após a perda de seu esposo e depois de 18 anos, escrevemos o Mira amor que parte Mira o Amor que Fica, sobre a perda da minha mãe, uma das vítimas da Covid. Nossas dramaturgias são metáforas da saudade.

Palavras-chave: Grupo Cênico, Fundação Curro Velho - FCV, dramaturgia da saudade, processo criativo, construções coletivas, saudades, memórias afetivas.

ROSÁRIO, Adilson Pimenta do Rosário. When the Snails Go to the Funeral and Look at the Love that Leaves... Look at the Love that Stays: The creative process for a dramaturgy of longing. 2024. Dissertation (Master in Arts) – Postgraduate Program in Arts, UFPA, Belém.

ABSTRACT

We have Dorflex, paracetamol, dipyrone, anador, original and generic cataflam.”. The creative process for a dramaturgy of longing, poetry, experience and Love in the shows When the Snails Go to the Funeral and Look at the Love that Leaves... Look at the Love that Stays. ...And for longing, what is the cure? The relationship between longing and affective heritage in art. This research arose from the need to study the creative process of two shows experienced in different periods, and by different groups in the city, to which I was present in these scenic constructions. When opening manuscripts and photo albums in a drawer, I meet again with a group of 45 young people who were part of the scenic group of the Curro Velho Foundation and I go to the reunion of directors, scriptwriters, musicians, lighting technicians, costume designers, makeup artists, set designers who were part of the theatrical productions of the shows of the Scenic Group of the Curro Velho Foundation, founded in 2002, ending the Its activities began in 2010. All productions were funded by the same foundation. The group was conceived by Professor Olinda Charone. My proposal is to analyze two shows, the first from 2003, in the staging of Quando os caramujos vai ao funeral, adapted by Neuza Titan from a short story by the French writer Jacques Prévert, for which she is the stage director. This is my first show in which I join the stage group as an actor. The second production is “Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica” (2021). Produced and performed by Espaço Artístico Cultural D. Mira. Under the stage direction of Maurício Franco. In which I am the creator of the cultural space, actor and sign the dramaturgy constructed with Wellington Romário and Luciano Cantanhêde. Both shows have an overwhelming impact on me regarding art. My crossings of memories, memories, affections that I emphasize in this writing during the processes of these collective constructions, with due attention to the constructions of the dramaturgies of the two shows, as they were written at times of loss of great loves of our lives. Neuza Titan adapts the text with a writing of an adaptation of the Amazonian woman, after the loss of her husband and after 18 years, we wrote Mira amor que parte Mira o Amor que Fica, about the loss of my mother, one of the victims of Covid. Our dramaturgies are metaphors of longing.

Keywords: Grupo Cênico, Fundação Curro Velho - FCV, dramaturgy of longing, creative process, collective constructions, longing, affective memories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - “Eu com 11 meses de nascimento”	10
figura 02 - “Minha mãe D. Mira”	12
Figura 03 - “Minha família 1992”	15
Figura 04 - “Festa de aniversário eu e minha irmã Ana Catarina 1987”	18
figura 05 - “ Certificado da Oficina de Teatro”	24
Figura 06 - “Culto das crianças na Igreja Evangélica Maranata 1990”	25
Figura 07 - “Cartaz do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2003”	27
Figura 08 - “Plateia esperando o Espetáculo Nós Na Fita, 2006”	31
Figura 09 - “Cartaz de divulgação do Espetáculo Nós na Fita, 2006”	34
Figura 10 - “Ensaio do Espetáculo Nós na Fita, 2003”	39
Figura 11 - “Diretora Neuza Titan, 2006”	40
Figura 12 - “Eu em cena no Espetáculo Nós na Fita, 2007”	42
Figura 13 - “ Ensaio do grupo Cénico, 2007”	43
Figura 14 - “Apresentação do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2004”	47
Figura 15 - “Apresentação do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2004”	48
Figura 16 - “Apresentação do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2004”	49
Figura 17- “Apresentação do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2004”	52
Figura 18 - “Apresentação do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2004”	54
Figura 19 - “Apresentação do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2004”	55
Figura 20 - “Apresentação do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, 2004”	56
Figura 21 - “Cartaz do Auto de Natal da Fundação Curro Velho, 2005”	57
Figura 22 - “Iluminação do Espetáculo Mira o Amor qie Parte...Mira o Amor que Fica, 2021”	58
Figura 23 - “Desenho do Tajá”	60
Figura 24 - “Aprovação do Vestibular, eu de D.Mira, 2012”	61
Figura 25 - “Laje de casa, 2020”	62

Figura 26 - “Cozinha da casa, 2021”	63
Figura 27 - “No banho, após a morte de D. Mira, 2021	64
Figura 28 - “Objetos de afetos da casa”	65
Figura 29 - “Jornal Diário do Pará”, divulgação do Espetáculo Mira do Amor que Parte...Mira o Amor que Fica.....	66
Figura 30 - “Reforma da casa, 2021”	67
Figura 31 - “Paisagem da Laje , 2021”	68
Figura 33 - “Espetáculo Mira do Amor que Parte...Mira o Amor que Fica, 2021”	70
Figura 34 - “Espetáculo Mira do Amor que Parte...Mira o Amor que Fica, 2023”	75

SUMÁRIO

PRÓLOGO	10
ATO I - A FUNDAÇÃO CURRO VELHO	23
CENA I - O despertar para as Linguagens Artísticas	24
CENA II - O surgimento do Grupo Cênico Nós na Fita	29
CENA III - A “Chegância” no Grupo Cênico “Nós na fita”	34
ATO II - O PROCESSO CRIATIVO DO ESPETÁCULO QUANDO OS CARAMUJOS VÃO AO FUNERAL	39
ATO III - ANALISANDO O ESPETÁCULO MIRA O AMOR QUE PARTE MIRA O AMOR QUE FICA	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	77

PRÓLOGO

Figura 1 - Eu com 11 meses de nascimento. Ano 1984



Fonte: Arquivo Pessoal.

Eu sou brasileiro, nascido na cidade de Belém do Pará, a cidade das mangueiras, do cheiro de rio e de chuvas. Meu nascimento aos quatro dias de janeiro do ano de 1984, exatamente às 20h, em uma noite enluarada, como a minha mãe sempre faz questão de lembrar, quando vamos comemorar meu aniversário. Sou o filho mais novo de um casal de irmãos, minha irmã Ana Catarina, meu exemplo de vida de caráter e integridade, meu apoio fundamental.

Os meus pais são o Adilson Ferreira do Rosário o “Chico” e Adalmira Pimenta do Rosário ou “dona Mira” ou “Queridosca” como gostava de ser chamada. Ela é da área de saúde. A sua profissão era Auxiliar de Saúde, hoje em dia, essa profissão foi substituída por Técnico em Enfermagem. Sua escolaridade é de nível técnico, porém, sua história de vida e de batalhas para vencer sempre os obstáculos, aprendizagens, trocas e saberes vão muito além de qualquer nível. Conviver com ela nos faz cada dia fortalecer a alma com a sua presença/ausência, viva.

Lembro-me que, quando criança, minha mãe trabalhava em dois hospitais, quase não a víamos em casa e seu uniforme virou marca registrada em minh a

memória de infância. Ela estava sempre vestida de branco, não consigo me distanciar da imagem do seu uniforme branco, porque não dizer desse figurino emblemático, forte e, por vezes, alquimista ao qual ela o conduzia muito bem para realização do espetáculo da vida real, ajudando a cuidar e salvar os pacientes e enfermos.

Minha mãe estava sempre pronta para ajudar, vivia em estado de alerta. Estava sempre ensaiada para a hora de entrar no palco com textos e cenas reais impecáveis. Sua performance é de deixar qualquer ator paralisado pela sua desenvoltura magistral, no palco de alguma enfermaria, na sala de cirurgia ou na fila de marcação de consulta pertencente aos hospitais, o das Clínicas e o da Polícia Militar, que trabalhava ou na janela de sua casa na passagem Jacób, no bairro do Jurunas.

Lembro-me de ir muitas noites com ela para o seu trabalho no hospital, pois não tinha com quem nos deixar só em nossa casa, o jeito então era eu ir. Minha irmã ficava dormindo na casa dos tios. Ao sairmos dos plantões no hospital da polícia, deparamos com a beleza da Praça Batista Campos¹ andávamos em volta da praça e, na época das mangas, apanhávamos as que caíam e trazíamos para compartilharmos em casa com o meu pai e minha irmã.

O abafado cheiro de manga é sentido até hoje. Nunca foi perdido. Nem mesmo o trajeto que fazíamos pelos quarteirões até a chegada para a nossa parada de ônibus, próxima à antiga livraria Jinkings². Por onde, muitas das vezes, ficávamos parados à frente da livraria observando os livros, até levarmos um para casa, quando ela estava com dinheiro. Quando não ela reservava. E o livro ela trazia para a nossa casa.

Minha mãe sempre dedicada, um exemplo de profissionalismo, amava a sua profissão. Durante sua carreira, quando estava na ativa, usava seu material cirúrgico, ou objetos de cena, de forma vibrante, dando vida aos objetos inanimados. Sabia exatamente o tempo de cada um em cena, seja ele qual fosse: um estetoscópio, uma pinça, uma lâmina de bisturi, uma seringa, uma agulha, uma tesoura, uma linha de sutura ou um aparelho de verificar pressão. Ela os manipulava deixando anular-se, fazendo com que somente o objeto aparecesse em cena, dando

¹ Localiza-se na cidade de Belém, no Estado do Pará, no Brasil.

² Situada no coração do bairro Batista Campos. A livraria ajudou a formar ao longo de 45 anos de existência, gerações de intelectuais e pensadores, tais como: Benedito Nunes, Ruy Barata, Haroldo Maranhão, dentre outros.

vida ao objeto e ao paciente.

Outro momento junto com minha mãe era quando íamos buscá-la no Hospital das Clínicas Gaspar Vianna³ (ou HC) no final dos expedientes, durante a semana ou nos plantões de fim de semana. Eu tinha como uma diversão, apesar de ser alertado de alguns cuidados, não ia temendo os pacientes em tratamento na ala psiquiátrica do HC. Geralmente, eu chegava na hora das visitas dos parentes dos pacientes, ficávamos em uma área reservada, chamava-se área de lazer, este espaço era de uma cenografia encantadora, intensa e real.

Figura 2 - Minha mãe D. Mira sentada na mesa do trabalho no Hospital da Polícia Militar do Pará. 1987



Fonte: Arquivo Pessoal.

³ A Fundação Pública Estadual Hospital de Clínicas Gaspar Vianna (FHCGV) é uma instituição do Governo do Estado do Pará vinculada à Câmara Setorial de Políticas Sociais. Hoje é referência estadual em Psiquiatria, Cardiologia e Nefrologia com excelência e humanismo.

Aquele local me fascinava, ficava impressionado, observando todos ao redor do espaço. As cenas, as ações presenciadas juntamente com os textos, com os diálogos dos pacientes com a família, poderiam ser de autores como Clarice Lispector, Vitor Hugo, Gabriel Garcia Marques, Eugenio Barba, Elisabeth Bishop. O autor era o destino de cada paciente. A vida de cada um que ali estava. Ficava anestesiado, com coração partido, olhos lacrimejantes, inquietação no corpo. Cenas com muito amor e afeto, todos os sentimentos estavam contidos naquele ambiente. Quando algum paciente recebia a sua alta do HC a família fazia festa e todos vibravam. A alegria era o ápice. Era contagiante. Mas não se fechava a cortina finalizando a cena ou um ato, pois o mesmo poderia retornar por causa de alguma crise a qualquer momento.

Esses pacientes eram os meus personagens reais. Nunca foram os meus fantasmas. Eles eram muitos verdadeiros, um pulsar, uma sede pela existência humana, pela vida. Lutavam pela normatividade perante a sociedade, pois eles viviam em um mundo desconhecido para nós, ditos “normais”. Cada um construía seu próprio universo, construía suas histórias, viviam intensamente para viver de cada paciente/intérprete.

Dizem que sou louco por pensar assim
 Se eu sou muito louco por eu ser feliz
 Mas louco é quem me diz
 E não é feliz, não é feliz
 Se eles são bonitos, sou Alain Delon
 Se eles são famosos, sou Napoleão

Eu juro que é melhor
 Não ser o normal
 Se eu posso pensar que Deus sou eu

Se eles têm três carros, eu posso voar
 Se eles rezam muito, eu já estou no céu
 Mas louco é quem me diz E não é feliz, não é feliz
 Sim, sou muito louco, não vou me curar
 Já não sou o único que encontrou a paz

Mas louco é quem me diz
 E não é feliz, eu sou feliz

(Balada do Louca)

Eu queria ser como eles, interpretar de tal forma e grandeza, afastar-me de mim para dar vida a qualquer um deles. Foi nesse ambiente de tristeza, perdas, danos, lamentos, verdade, alegrias passageiras e reais, que eu pude entender que o teatro poderia ser isso. E eu estava sendo escolhido para viver isso, de estar naquele momento compartilhando esse afastamento do eu, do real, para dar vida à imaginação e personagens, a viver tudo isso no Teatro, na caminhada do meu fazer artístico. O que para o senso comum ou para a medicina era sinal de loucura, para mim eram traços de personas para colocar no palco, meu olhar, sensibilidade e imaginação sempre foram cênicos. Tudo ao meu redor se transformava rapidamente em cenografia, falas, conflitos, diálogos, rubricas, atos, cenas! Não tinha certeza, mas desde cedo, o teatro me conduziu, me levou aos palcos da vida, imerso sempre em processos criativos.

O fato de minha mãe ser da área de saúde e amar sua profissão não me fez enveredar pelo mesmo ofício em minha carreira profissional, porém, o seu dedicar à enfermagem, as noites em hospitais e os dias fora de casa para ter uma família digna, com o seu incentivo na educação, de sermos honestos, com valores morais e éticos de sempre ensinar o certo e a fazer o bem ao próximo, de atender e receber em nossa casa as pessoas sem restrições de raça, sexo, religião, em ensinar a não tratarmos com indiferença o próximo e sempre sermos iguais, fez-me uma pessoa melhor, mais humana, com a sensibilidade que ela possuía, transferindo à minha irmã e a mim. Compartilho todos esses ensinamentos no meu fazer teatral. Tento através da minha arte minimizar as dores da alma, transformando-nos em pessoas melhores. Muito grato pela existência dessa mulher em minha vida.

Meu pai chamava-se Adilson Ferreira do Rosário, seu apelido era “Chico”, todos o conheciam assim, por onde ele passava. Eu possuo o mesmo nome que ele, então, éramos Adilson o pai e o Adilson filho. Em nossa família e na rua onde moramos somos conhecidos por Chico e Chiquinho. Meu pai é de uma importância enorme na minha vida, foi fundamental para a escolha de minha profissão, em me tornar professor. Aprendi, desde cedo, com ele o poder da imaginação através de nossas brincadeiras em casa, pois, se não tínhamos os brinquedos, nós criávamos e fantasiávamos da melhor forma possível. Ele ali, sempre pronto para ajudar na construção dos brinquedos.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Desde muito cedo, meus pais faziam questão de estar presentes em nossa educação, na minha e de minha irmã. Os seus estudos foram até a 4ª série do Ensino Fundamental. Passou a vida justificando-se por ter chegado até essa série. Dizia que ou trabalhava ou então passaria fome com os irmãos. Só pelo fato dele trabalhar para ajudar a alimentar os irmãos já me bastava e me fazia sentir orgulho dele. Pensar no outro, no coletivo e fazer o bem ao próximo já me deixava orgulhoso.

Meu pai era sabedor que para termos uma vida melhor tínhamos que estudar. Neste momento, utilizo-me de Mário de Andrade em *Vestida de Preto*: poetizar uma história de infância nos fala de momentos que “fixam a perfeição”. Recordo-me com perfeição do seu gesto simples, mas que teve um poder enorme para minha educação e mudança de visão do mundo. Ele, com um livro didático, lia quase todas as noites para mim e minha irmã, nos fazendo conhecer as letras e as palavras. Ensinou-me a mim e à minha irmã a ler e a escrever. Desse ato faço o meu referencial, pois essa atitude foi que me inspirou profundamente na escolha do meu ofício de ser um educador.

Portanto, foi a partir desse gesto de querer que conhecêssemos o mundo por meio das palavras, de ver o mundo de outra forma através da leitura, da escrita, da literatura, dos contos de fadas, dos causos e das cartas, de conhecer muitos

personagens, desafiando nas aventuras a ir muito além. Dando asas para a liberdade, nos deixando sempre livres e enfatizando o poder que a leitura tem. Meu pai ao me ensinar a ler, deu-me um mundo de possibilidades. Tornar-me professor, foi uma delas.

É essa cena que me vem como um apelo definindo a escolha da minha profissão. Aproprio-me do meu ofício acreditando e fazendo outras pessoas descobrirem o mundo de possibilidades. Agora, sou eu que dou asas a elas. Aquele olhar é o meu referencial. Ao recordar desse momento de minha infância percebo que foi ele o meu primeiro ator na cena de nossas vidas, o meu primeiro diretor, sempre me conduzindo. O meu amigo e parceiro de cena. Deixando-me marcado por toda vida.

Meu pai era um homem assumidamente boêmio, vivia de bar em bar, no bar do Joãozinho, no do seu Orlando, na feira da Roberto Camelier. Quase todos os dias, bebendo. Quando chegava da rua fazia, dentro de casa, uma de minhas cenas mais adoradas e me arrebatava a alma. Ele chamava minha irmã para esquentar a comida e eu para ligar o seu rádio. Pedia para colocar no volume máximo. Ouvíamos todos os seus bregas marcantes, cantarolando todas as músicas do seu repertório. Era um show incrível. Terminava a cena com ele chorando para nós. Ele, sempre muito emocionado. Eram apenas nós dois na plateia, minha irmã e eu, num mundo de emoções, de gestos e imagens. Nós nunca saberemos os motivos de tantas lágrimas para essas madrugadas marcantes que até hoje ecoam as músicas cantaroladas por ele.

Todas essas canções, minha irmã e eu, ouvíamos também no bar da tia Teca, umas das irmãs de minha mãe. Brincávamos até com o nosso drama real. Quando nosso pai não dormia em casa e minha mãe ia trabalhar à noite, nós íamos para o bar da tia Teca e fazíamos companhia para ela e para os frequentadores do bar. Passávamos horas e noites adentro. O rádio era sintonizado na estação Rauland FM⁴. Ouvíamos todas as seleções de música. Às 20h era o momento da saudade na rádio. E em nós também. O botão que sintoniza a frequência da saudade foi quebrado.

⁴ A rádio possui como pioneira FM do Pará, mais de 45 (quarenta e cinco anos) na praça, com a força da qualidade de som, programação e a credibilidade, transparência e singularidade que marca a história da radiodifusão paraense como a tradicional precursora que acompanhou o crescimento do mercado local mantendo-se na preferência do público ouvinte.

Minha irmã e eu nem precisávamos ouvir toda a programação. As músicas dilaceravam os nossos corações, acompanhando os dos clientes embriagados do bar. Havia também a fumaça de cigarro, a fumaça do churrasco, o cheiro de cerveja, o cheiro do desinfetante de creolina que era para amenizar o odor de urina, e a nossa tia nos oferecendo bombons, refrigerantes e biscoitos de erva doce para a noite passar rápido. A noite acabava com algumas cenas de ciúmes que terminavam em pequenas brigas, um cenário e palco perfeitos. Esse teatro era fabuloso. A emoção já tomava conta de nós com saudades de nossa mãe e preocupados com o nosso pai, sem saber por onde andava. Quando amanhecia, nossa mãe batia na porta da casa da tia Teca, agoniada de saudades minha e da minha irmã, agradecia e retornávamos com ela para casa. E agora como é retornar para casa?

No ano de 1999, as cortinas fecham-se para o meu pai e ele sai de cena. Estivemos todos ao seu lado, o carinho e amor dado a ele diminuíram um pouco as dores que não o abandonaram em seus últimos dias de vida aqui. Ele teve tempo de se despedir, acredito que, de quase todos os seus amigos e familiares.

Sua ida foi de muito sofrimento, para uma pessoa como ele, coisas que não entendemos na vida, apenas vivenciamos e confiamos no plano divino em sua vida e em nossas. Uma de suas últimas performances, que está marcada na alma de todos nós que acompanharam os seus últimos passos aqui neste plano, foi ele cantar a sua música predileta do Gonzaga, *A vida de viajante*, no trecho abaixo:

Minha vida é andar por esse país, pra ver se um dia eu descanso feliz,
guardando as recordações das terras onde passei, andando pelos sertões
e dos amigos que lá deixei. Chuva e sol, Poeira e carvão, Longe de casa,
Sigo o roteiro Mais uma estação E a alegria no coração Mar e terra, Inverno
e verão. Mostre o sorriso. Mostre a alegria. Mas eu mesmo não. E a
saudade no coração.

E depois partiu... Descansou... Virou encantado.

Há 40 anos, moro na mesma casa localizada na passagem Jacob, no bairro do Jurunas. A casa de minha infância não é mais a mesma, em sua estrutura física, somente em minha memória essa casa é imutável. Há surtos dessa infância que me rodeiam e eu sempre retorno a ela em meus pensamentos para a primeira casa, tentando buscar a primeira impressão do que se foi vivido. E muito bem vivido. Portanto, tive uma infância muito divertida que me possibilitou conviver e experimentar todas as peripécias de molequice no tempo de menino levado.

Figura 4 - Festa de aniversário, eu e minha irmã Ana Catarina, 1987



Fonte: Arquivo Pessoal:

Juntamente com a minha irmã, Ana Catarina, uma espécie de aliada, amiga e fiel escudeira, dávamos as mãos e íamos descobrindo um mundo inteiro. Nos perdíamos em passeios de ônibus pela cidade, mas sempre encontrávamos o aminho de volta. Passávamos horas enfeitando e confeccionando a nossa bicicleta para o desfile escolar da nossa Escola E.E.F.M Camilo Salgado⁵ para o dia 7 de Setembro, contudo, esquecíamos de encher o pneu e acabávamos indo a pé ao desfile. Possuíamos uma televisão que nosso pai adquiriu na república Emaús⁶, com tempo, apresentou um defeito que não aparecia imagem na tela. Para ela funcionar nos revezamos incansáveis para acompanharmos as novelas que gostávamos. Ao acontecer esse fato comparamos a nossa televisão com as radionovelas, e eu imaginava todas as tramas e reações dos atores. Nosso imaginário era engrandecedor. Íamos ao cinema Nazaré, sem nossos pais, contemplar a sétima arte. Sem contar os passeios no parque de diversão do Ita no tão aguardado mês de

⁵ Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio ligada à Secretaria de Educação do Estado do Pará.

⁶ Movimento República de Emaús, cujo objetivo é lutar pela promoção e defesa de direitos de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, particularmente as que se encontram em situação de trabalho, violência, abuso, exploração sexual e tráfico na região amazônica.

outubro. Época do Círio de Nazaré ou, como é conhecido por nós, o Natal dos paraenses. Os coloridos das fitas de cetim, os barulhos dos sinos da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, a iluminação dos brinquedos do parque, me encantavam. Ficávamos fascinados, depois queríamos ter coragem de ir aos brinquedos mais perigosos, que todos temiam, mas ela não passava do brinquedo da xícara e eu do autorama. Eu ficava pior que uma barata tonta. Para a escritora paraense Maria Lúcia Medeiros (2000), em uma carta publicada para sua irmã, Ieda, ela escreveu “são os meses de junho que mais me faz recuar no tempo, bate-me uma nostalgia tão grande se é grande é também funda, vem arrancando raízes lá de dentro, desequilibrando coisas, terrenos, areia movediças, árvores caídas e folhas ao vento”. (carta escrita para a sua irmã Ieda no dia do seu aniversário). Aproprio-me dessas palavras, pois é no mês de junho, é quando retorno às saudosas tardes que passava com minha irmã ensaiando para a quadrilha junina, para fazermos bonito e não dançar com a vassoura na festa junina do quintal da estimada, D. Isabel. Lembro com exatidão desse momento da minha vida. Tudo fazia parte do meu secreto mundo de fantasias com a realidade. Tudo que acontecia naquele terreno no mês de junho era encantador: as músicas, a luz, a noite, as fogueiras, as amizades, a família, o quintal, a decoração da festa, o clima, as danças e muitas comidas típicas. Todo mundo brincava e se divertia. Reconheço esse momento de minha vida como um espetáculo que ficou marcado para sempre. É essa a espetacularidade que me comove ao recuar nesse tempo, nesses surtos, ecos nessa trama de vida.

D. Izabel⁷ Era a única moradora em nossa rua que abria as portas do terreno de sua casa, abrigando todos para a sua tradicional festa junina para os moradores das passagens Camapú, Jacob e Amaral, mas quem não fosse dessas ruas, eram sempre bem-vindos, pois a festa era aberta ao público. Neste local, quando criança, foram várias as vezes que passamos as nossas noites nas festas juninas naquele espaço.

Era uma espécie de confraternização, um espaço democrático onde não havia exclusão, todos estavam somente para se divertir. No dia da festa de D. Izabel, pela manhã, ocorria a grande coleta dos ingredientes nas casas dos moradores, alguém ia de porta em porta, recolhendo os pedidos, nossos pais davam os itens para fazer

⁷ Moradora do bairro do jurunas, na passagem Camapú, era a dona do terreiro junino.

o mingau e as outras guloseimas da festa. Geralmente, a tarefa de recolha de material ficava a cargo da Raimunda, uma das filhas da matriarca.

Neste dia, todos nós nos mobilizamos para tudo sair perfeito para a noite de festa, sem faltar nenhum detalhe, queríamos ajudar de alguma forma. Até a hora da festa passávamos o dia no terreno de D.Izabel, ajudávamos a limpar o espaço. A trilha sonora, não poderia faltar as músicas de quadrilha. Então começávamos a nos empolgar com o evento, as bandeirinhas juninas eram confeccionadas com vários recortes de revistas e tudo ficava lindo, aparentando um grande mosaico.

Ao cair da noite, o terreno já possuía vida e energia dos convidados presentes. Depois de tudo pronto, era hora de irmos nos divertir, de dançar na quadrilha das crianças, de rir, de brincar com os amigos. As mais variadas brincadeiras estavam lá presentes, como o quebra pote, a barraca do beijo, o amor aprisionado que só era liberado, mediante o pagamento de algum valor cobrado. A pescaria fazia a alegria de nós crianças, com vários brindes de recompensa.

A hora mais esperada da festa, era a quadrilha maluca com os adultos, os homens vestidos de mulher e as mulheres vestidas de homem. Naquele momento, íamos todos ao delírio com a produção que eles faziam. A liberdade que provocava em cada um na hora da dança é o que me faz acreditar que aquele momento era o que está marcado em minha memória. Se fechar os olhos, posso rever todos os corpos bailando e teatralizando nesse espaço de muita generosidade que encontrávamos.

Quando crianças eu e minha irmã, contávamos também com personagens ilustres nessa poética do brincar, os nossos primos Paula, Raimundo (Bibi), Tiago, Marta e Diego. Dividimos todos os brinquedos e os jogos infantis na hora do lazer, as brincadeiras eram inúmeras: cemitério, carrinho, bola, pipa, peteca, boneca, casinha, pira-esconde, taco e pira-pegas. Tínhamos uma energia incrível, só parávamos de brincar na hora de irmos para a aula.

Por um longo período, construímos o nosso mundo e as nossas regras. Através dessas brincadeiras aprendemos todas as estratégias para desenvolver um bom jogo, mas desfazíamos em segundos os cenários e recolhíamos os nossos brinquedos de uma hora para a outra por algum motivo de briguinhas de criança, mas sempre estávamos ali, um próximo ao outro. No final, tudo voltava ao normal e lá estávamos nós brincando, rindo e abraçando novamente. Tudo nesse brincar foi de extrema importância para o nosso convívio e para os nossos estímulos de vida.

A casa já não comportava mais a energia de crianças levadas, então, o jeito era partir para a rua. Eu sempre fui uma pessoa que gosto de estar em coletivo, conversar, rir, conhecer um pouco o outro, sempre soube o que queria fazer na minha vida como profissão, algo relacionado com o público. O Teatro me deu essa possibilidade. Realizo-me com essa escolha. E eu fui ao encontro desse querer. Ao buscar, através de minhas memórias de infância, me vêm disparos fotográficos de sempre estar em grupos brincando e me divertindo muito. Quando não era em coletivo, fazia dupla com minha irmã ou então eu criava os meus amigos imaginários e brincávamos muito.

Essa pesquisa tem seus fundamentos do grupo Cênico da Fundação Curro Velho (FCV)⁸ com a montagem do meu primeiro espetáculo *Quando os caramujos vão ao Funeral* (2003) e do espetáculo *Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica...*(2021) do Espaço Artístico Cultural D. Mira. Falar desse momento do início de minha trajetória na cena teatral e, anos depois, ser construtor de um espetáculo que é criado por uma dramaturgia da saudade e encontrar semelhanças nos dois textos é afirmar laços fortes que tive nesse grupo por intermédio da instituição. Portanto, minha relação com esse grupo é de um integrante. Eu descobri que através da arte, por meio do teatro, minha e de outros integrantes, tivemos em nossa vida outros caminhos. Esse fator é muito marcante na minha carreira artística. E que não é um texto saudosista e sim um grito por Viver.

Buscaremos teóricos de base que dialoguem com essa temática e nos ajudem a desenvolver essa pesquisa sobre a dramaturgia da saudade nos dois processos desses espetáculos. Nosso referencial vem de autores que nos auxiliam, como: Olinda Charone (2011), Dênis Bezerra(2012), Augusto Boal, Paulo Freire, Olga Reverbel, Viola Spolin(1979), Stanislavisk (1998 – 2002), Jacques Le Goff, Fátima Freire Dowbor (2008), Eduardo Lourenço (1999).

Analisaremos as entrevistas dos alunos atores do grupo: Carlos Alberto, Ingrid Silva, Jessica Itná, Washington Luís, Marven dos Anjos, Pauer Martins, Leandro Marinho, Luana Silva, Luziane Miranda, Jared Moura, Kevin Braga. Inês Ribeiro, Bruce Macedo, Dejan Câncio, roteirista David Matos, coordenadora Neuza Titan e a superintendente na época da FCV Dina Oliveira.

Todos em suas falas constroem uma gama de conhecimentos acerca da

⁸Fundação Curro Velho hoje Oficinas Curro Velho. Órgão ligado à Fundação Cultural do Pará.

existência do grupo cênico, enriquecendo essa pesquisa. O convívio com todos os envolvidos do grupo *Nós na Fita*, foram fundamentais para fazermos uma reflexão social provocando essa criticidade sobre o fazer teatral e de caminhos e (des)caminhos trilhados por essa experiência de fazer parte do grupo nesse período.

Assim, dou seguimento ao meu texto, com a contextualização de dois processos criativos ao qual participei no decorrer desses anos como artista de teatro nesta cidade. Descrevo nesta pesquisa que nesses dois processos criativos, um de 2003 e outro de 2021, em ambos encontro simbologias relacionadas a uma dramaturgia da saudade, não dramaturgia da saudade sofrida , mas de uma dramaturgia da saudade que anima o viver, sem a presença daqueles que partiram deste plano e que continuamos amando. A memória do amor que partiu, seja a mira do amor que ficou, para os dias vindouros.

ATO I - A FUNDAÇÃO CURRO VELHO

A Fundação Curro Velho (FCV), criada em 1990, é uma instituição de direito público do Governo do Estado do Pará, vinculada à Secretaria de Estado de Cultura. Atualmente denominada *Oficinas Curro Velho*, fazendo parte da Fundação Cultural do Pará. Seu objetivo é promover ações direcionadas ao desenvolvimento da capacidade de expressão e representação de crianças, adolescentes e comunidade em geral através de processos socioeducativos, utilizando como instrumentos a arte e o ofício, na perspectiva de valores éticos e estéticos.

Seu espaço físico é composto pelo prédio-sede da FCV, prédio histórico onde funcionou o primeiro matadouro de Belém, construído e inaugurado no ano de 1861 pelo, então, presidente da província Francisco Brusque. Este prédio foi tombado como patrimônio histórico em 1983 e abrigou, após tombamento e reforma, a Fundação Curro Velho no bairro do Telégrafo, às margens da Baía do Guajará. O espaço da FCV ainda é formado pela Casa da Linguagem, prédio histórico, hoje restaurado, localizado no centro da cidade e construído em 1870 para servir de residência para o Comandante Francisco Bolonha e sua esposa. Lá nasceu o conhecido engenheiro Francisco Bolonha.

As ações da FCV refletem uma atenção constante: valorizar o indivíduo e este em sociedade. Assim, aspectos da história local, da cultura, do meio ambiente, da organização do trabalho e da geração de renda são eixos geradores do desenvolvimento das ações educativas da fundação, que em movimento ininterrupto de formação e informação procuram ser coerentes com a realidade local, isto é, considera os imensos contrastes existentes na região amazônica.

A fundação atua no sentido de despertar a sensibilidade latente e estimular o potencial criativo, tendo em vista posturas didáticas integradas aos objetivos da instituição, através de oficinas regulares e minicursos – prioritariamente voltados para alunos da rede pública de ensino – em diversas linguagens e técnicas artísticas. A FCV busca incessantemente a valorização do indivíduo e do grupo via estímulo do ser que observa, participa expressa e, sobretudo, exercita sua cidadania com a lucidez de um olhar mais sensível. Portanto, valorizar as diferenças humanas, culturais, regionais e diminuir, ao mesmo tempo, diferenças sociais e de formação humanas, via processos artístico-criativos, são objetivos estratégicos da fundação.

É um espaço que prima pelo exercício da cidadania, tendo a arte como mola

propulsora, no intuito de direcionar a formação dos indivíduos para o exercício de humanidade e ética, atingindo formas de pensar que condizem com seu papel social, criando um olhar sensível às questões que o envolvem durante sua existência e o habilita para sua construção social.

CENA I - O despertar para as Linguagens Artísticas

Figura 5 - Certificado da Oficina de Teatro na Fundação Curro Velho. Ano 2000

Fundação CURRO VELHO

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA ESPECIAL DE ESTADO DE PROMOÇÃO SOCIAL
FUNDAÇÃO CURRO VELHO

ATESTADO

Atesto para os devidos fins que ADILSON PIMENTA DO ROSARIO
participou da oficina de INICIAÇÃO TEATRAL, ministrada pelo (a)
instrutor (a) ADRIANA CRUZ, no período de 01/03 a 31/03/00, com
carga horária de 40 h, obtendo a frequência de 100 %.

Belém, 10 de ABRIL, de 2000

[Assinatura]
Superintendente

[Assinatura]
Diretor

Núcleo de Oficinas Curro Velho
Rua Prof. Nelson Ribeiro, 287 - Telégrafo
CEP. 66113 - 070
Fone (91) 244 5925 / 5840 Fax (91) 244-6240

Casa da Linguagem
Av. Nazaré, 31 - Nazaré
CEP. 66035 - 170
Fone/Fax (91) 241 9786

Fonte: Arquivo pessoal.

Conheci a Fundação Curro Velho em 1995, sou do bairro do Jurunas, é um pouco distante da sede da Fundação Curro Velho, em torno da comunidade Vila da Barca. Uma das descobertas mais libertadoras que eu já tive em minha vida, ir ao encontro da FCV. Eu e mais dois amigos, Silvia e Raimundo, fomos nos inscrever nas oficinas. A primeira oficina no mundo das artes que nos inscrevemos foi serigrafia, não fui me inscrever em teatro, pois estava com medo da minha família não aceitar fazer teatro, pois minha mãe é evangélica e fazer teatro não é bem visto na sociedade. Fiquei temendo a reação de minha família que é evangélica.

Figura 6 - Culto das crianças na Igreja Evangélica Maranata, regendo o coral de crianças.
Ano de 1990



Fonte: Foto Arquivo Pessoal.

O teatro já estava em mim muito antes de ir para a FCV. Sempre fiz teatro na igreja. Muitas apresentações de teatro ou jogral cujos temas das datas comemorativas eram: para o dia das mães, dia dos pais, aniversário da igreja, aniversário da mocidade, para o natal e tantas outras dentro da EBF (Escola Bíblica de Férias) da igreja evangélica. Ensaíamos na igreja ou na casa da Tia Odete, uma querida por todos do grupo, que coordenava o Grupo Infantil da Igreja Maranata, do qual eu fazia parte.

A vontade de querer pisar em palcos, levar o meu fazer artístico para todo lugar que eu fosse. Não resisti por muito tempo. Dentro da sala de aula de serigrafia eu via os alunos passarem todos de preto e entravam em uma sala de teatro, uma caixa preta. No mês seguinte, quando abriram as inscrições, eu e meu primo fomos nos inscrever no Curso de Iniciação Teatral com a instrutora Adriana Cruz⁹ e, a partir daí tudo mudou, compreendi e afirmei a minha escolha. Já saberia naquele momento o que eu ia fazer para o resto da minha vida.

⁹ Adriana Cruz. Graduada em Letras (Língua Portuguesa) e Mestre em Artes, ambas pela Universidade Federal do Pará (UFPA), doutora em Artes, pela Universidade Federal de Minas.

- Eu quero fazer Teatro!!!

É como um ciclo em minha vida. É ela que retorna em minha vida. A professora Adriana Cruz. Vem para o meu ciclo de estudos, agora é professora da Universidade Federal do Pará, encerrando a última disciplina Exercício da Cena IV – Visualidades. No curso de Licenciatura em Teatro, na ETDUFPA (Escola De Teatro E Dança da UFPA).

As aulas na FCV, no período do grupo cênico foram magníficas, fazíamos jogos teatrais e nos divertimos muito. As brincadeiras de rua, dentro das aulas de teatro, tinham uma explicação do porquê brincar.

As brincadeiras e jogos são instrumentos facilitadores ao processo de ensino- aprendizagem da criança. Brincando as crianças aprendem a contar, classificar, ordenar, discriminar, traçar estratégias, solucionar problemas, aprendem regras sociais e a regular seu comportamento; as brincadeiras agem de maneira objetiva na realidade trabalhando com o subjetivo, com as possibilidades, as resoluções de questões, o afeto. Desenvolvem os sentidos da coordenação motora, da corporeidade, do movimento, do equilíbrio. Aprende-se na brincadeira a reelaborar o universo a seu redor, desenvolvendo a imaginação (Marinho, 2016)

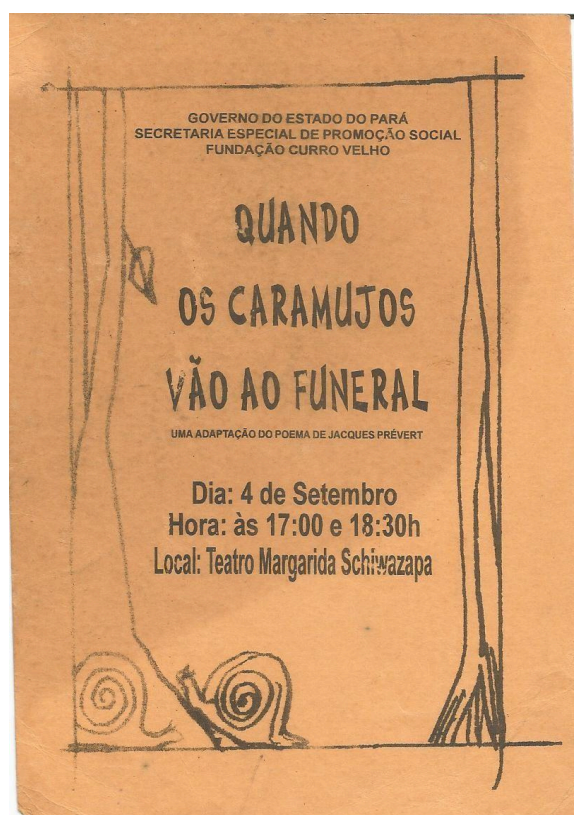
Fui compreender como tudo isso afetava meu corpo e em minha relação ao convívio social, dentro e fora de casa. Por meio das oficinas de teatro, fazendo teatro, jogando e brincando na cena. O ato de brincar proporciona intervenção na realidade de modo a transformá-la, além da possibilidade de expressar ideias e sentimentos na criança, dando-lhes prazer e satisfação pessoal. Deste então, eu fui fazendo todas as oficinas que eram oferecidas pela FCV, que o tempo me permitia. Foram várias de teatro, fotografia, papel reciclado, desenho básico, pintura, dança, clown, estamparia em tecido, figurino (com o saudoso Mestre Nato que cuidava de casa detalhes nos figurinos do grupo cênico e cerâmica).

Em 2002, me inscrevi na oficina de cerâmica, era de um programa de capacitação profissional que existia dentro da fundação para alunos que possuíam três oficinas na casa e iam integrar o núcleo de produção da instituição. Como eu possuía mais de três, fui selecionado para a capacitação. Foram 06 meses aperfeiçoando a técnica em cerâmica, os alunos ganhavam um auxílio financeiro da FCV. Foi muito essencial para mim, pois era com essa renda que eu pagava o transporte para me deslocar todos os dias para a FCV.

Nesse mesmo núcleo, tinha um amigo, o Leandro Ferreira¹⁰ que gostava de Teatro e era do Grupo Cênico da FCV, nossa aula do núcleo era das 14h às 18h, e ele ensaiava no teatro depois do curso, na época ele estava ensaiando para um espetáculo que iria estreiar em setembro. Um dia, ele chegou me dizendo, se eu já havia assistido algum espetáculo do Grupo de Teatro da Fundação e se eu não estaria interessado em compor o elenco, pois estavam faltando alguns jovens e ele achava que iam desistir.

Respondi que assisti a alguns espetáculos do grupo. Sobre o convite de entrar para o grupo eu estava receoso de fazer parte do elenco, entrando no meio do processo de montagem do espetáculo que estava sendo finalizado, faltava menos de um mês para a estreia. Um outro motivo que respondi era que eu não sabia como seria recebido pelos integrantes, apesar de conhecer alguns, dos corredores da Fundação. Com outros já tinha feito oficinas de teatro.

Figura 7 - Cartaz do Espetáculo Quando os Caramujos vão ao Funeral, Ano 2003



Fonte: Arquivo Pessoal.

¹⁰ Ator e professor de Teatro. É licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Pará.

O espetáculo que estava sendo montado em questão, naquele momento, era o *Quando os caramujos vão ao funeral*¹¹, analiso ele mais adiante, pois foi o meu primeiro espetáculo dentro do grupo da FCV), um conto francês adaptado. Na mesma hora, Leandro respondeu que não tinha problema nenhum, e que iria me apresentar para a coordenadora do Grupo Neuza Titan ou simplesmente tia Neuza.

No dia seguinte, dentro da sala de cerâmica, Leandro a chama e diz: tia Neuza a senhora quer preencher os que saíram do grupo com gente nova, esse aqui é o Adilson, e ele que entrar no grupo e tem tempo para os ensaios. Ela sorriu e respondeu : - *Ah, sim é verdade, apareça lá com a gente no ensaio às 18h*. E terminada a aula de cerâmica fomos em direção ao teatro, Leandro e eu.

Os ensaios já estavam a todo vapor quando adentrei ao teatro da FCV, uma caixa preta cheia de magia. Fiquei paralisado e logo adotei aquele lugar como a minha segunda casa. Dentro do teatro fui recebido pela atriz e bailarina Aline Vieira.¹² Lembro-me que ela vinha ao meu encontro dançando, fui recebido com o seu bailar com a música *Tronco Submerso*, de autoria dos músicos Ruy Barata e Paulo André Barata.

Tudo que eu amei estava
aqui Do chão batido à
cua de açaí
Por isso não cantei
Copacabana Ainda que ela
fosse tão bacana
No brilho dos postais que eu
recebi. Tudo que eu amei
estava aqui
Da mão de milho ao pé de
miriti E assim não falei da
Torre Eiffel Dos perfumes
de Chanel
Nem no céu azul no Tenesse
Desculpe meu irmão meu canto
agreste Nutrido do jambu que não
quisestes Manchado do tijuco e de
capim

Perdoa, por favor, meu pobre
verso Um tosco tronco
submerso

¹¹ Espetáculo montado pelo grupo cênico da FCV.

¹² Atriz e bailarina do grupo cênico da FCV.

No rio sem nome que se vai de mim.

(Ruy Barata e Paulo André Barata)

Aline era uma das atrizes/bailarinas do grupo, com a sua coreografia para essa a música. Ela veio me desejar as boas-vindas ao grupo cênico. E, a partir daí, meus ensaios se intensificaram até a estreia do espetáculo. Em poucos dias, já estava conhecendo quase todos os integrantes. Fiquei curioso para saber de todos os detalhes do Grupo e de que o espetáculo falaria. Ia todas as tardes para os ensaios, já começava a perceber e conhecer onde eu estava, com alguns, já tinha bastante afinidade. Um dia, tia Neuza me perguntou se eu já tinha o texto, eu disse que não, ela, então, chamou tia Ester¹³ e disse-lhe: - Esterzinha, dê um texto para o Adilson, ele não tem. Recebi o texto, e naquele momento ganhei uma amiga para toda a vida. Tia Ester, não gosta de dar entrevistas, não gosta de aparecer em público. Seu trabalho é percebido brilhantemente nos bastidores. Alcançar a plenitude ao pisarmos no palco. Todos nós que passamos pelo grupo cênico, não tivemos como não nos apaixonarmos pela pessoa que é. Uma generosidade que acalenta qualquer alma. Tia Ester sempre cuidava de todos os detalhes do grupo. Estando sempre ao lado da tia Neuza, no período que estive conosco. Eu, como integrante do grupo cênico, já me sentia em casa. Até que recebi o convite da tia Neuza para ser do núcleo da chuva no espetáculo. Nossa cena, uma coreografia feita pelo coreógrafo do grupo Dejan Cância¹⁴. Éramos cinco adolescentes pertencentes a esse núcleo (Eu, Katty, Jared, Walber e Cássio), fomos batizados no elenco como o núcleo dos pingos de chuva, do espetáculo. Hoje, nos tornamos chuva grossa.

CENA II - O surgimento do Grupo Cênico Nós na Fita

Então o que, que a gente viu, que foi criado pelas crianças e muitos

¹³ Produtora, e contra regra do grupo cênico. É funcionária da FCV.

¹⁴ Dançarino e coreógrafo do grupo cênico da FCV.

jovenzinhos um grupinho que era o nós na fita que foi uma coisa espontânea que foi um grupo, mais que queriam ser abrigados pela fundação e a gente é, tudo que apareceu e que a gente viu que tinha uma legitimidade, a gente deu e dá continuidade apoio porque na verdade é a nossa obrigação é a nossa missão é o nosso desejo de alimentar processos. (Dina Oliveira).

O Grupo Cênico da Fundação Curro Velho surgiu em junho de 2003, a partir do anseio de jovens oriundos dos projetos de Iniciação Artística da própria instituição que descobriram através do Teatro, da Dança e da Música uma possibilidade de formação cênica mais continuada. Com o fim da idade-limite de participar da Iniciação Artística a FCV se viu quase que obrigada em fazer um projeto que amparasse esses adolescentes.

Não podemos negar o olhar sensível da professora Olinda Charone para a elaboração e criação do grupo cênico da FCV, pois as crianças que saíam da Iniciação Artística, era fundamental a continuidade desse adolescente na arte. Sua preocupação era para que esse grupo fosse amparado pela instituição. Tudo começou com o espetáculo *A Roupa Nova do Imperador*, em 2003, dirigido por Olinda Charone. O espetáculo misturava Teatro e Dança em um espetáculo farsesco, que fala da essência dos seres humanos, ressaltando que o mais importante não é o que vestimos, mas o que somos.

Outra pessoa que foi fundamental para a elaboração do grupo cênico foi a professora Inês Ribeiro. Que teve sua carreira artística como instrutora de Iniciação Artística. A mesma relata em sua entrevista como foi importante ter o grupo cênico para os alunos saídos do projeto da iniciação. Eis as impressões dela sobre o grupo:

[...] Na verdade eu já estava no curro velho há muitos anos com a Olinda. E esses adolescentes que já estavam com a Neuza eles foram um dia criança que estavam comigo e a Olinda, na iniciação artística. Eles começaram a ficar adolescentes e continuavam misturados com as crianças e aí com um olhar da Olinda, olhar do David, olhar das pessoas que estavam mais à frente, os funcionários do curro velho. Principalmente a Olinda, de ter o grupo de adolescentes porque eram faixa etárias diferentes e a Neuza, muito carinhosa uma cuidadora da juventude, ela nas reuniões lá do Curro, ela assumiu e eu observava muito o trabalho por que eu me sentia a mãe deles, porque eles tinham sido meus alunos quando pequeno, alguns deles assim eu conhecia também os responsáveis e tudo mais, e a gente acompanhava aí um dia ela me convidou para dirigir um espetáculo.

Havia no grupo Cênico da Fundação Curro Velho um espaço de desenvolvimento de habilidades artísticas contribuindo para o fortalecimento de interações sociais da juventude inserida no contexto de suas comunidades,

valorizando a sua produção, exibição, socialização, preservação, compreensão e discussão com a participação de quem faz o teatro em todas as suas etapas, cenário, iluminação, sonoplastia/música, estudo do personagem e expressão corporal / dança. Tendo realizado várias encenações e performances.

Figura 8 - Plateia aguardando o espetáculo “Nós na fita” no Teatro da Fundação Curro Velho (2006)



Fonte: Arquivo Pessoal.

O Grupo Cênico da Fundação Curro Velho congregava jovens oriundos de várias partes da cidade de Belém, que encontraram no teatro um instrumento para a promoção da arte, da valorização pessoal e elevação da autoestima. Sendo que a maioria dos integrantes eram moradores da comunidade Vila da Barca.

Dessa forma, por meio de montagem de espetáculos foi proporcionado a esses jovens, uma experiência de amadurecimento no trabalho com o Teatro enquanto veículo de crescimento pessoal, artístico e social. No início da criação do grupo cênico. Não tinha nada certo se o novo projeto da FCV ia dar certo. Se havia expectativas para o promissor grupo.

Muitos artistas das diversas linguagens artísticas, dirigiram ou fizeram parte da equipe técnica dos espetáculos do Grupo Cênico da Fundação Curro Velho, sob a Coordenação de Neuza Titan, o Grupo Cênico montou vários espetáculos de

grande importância e repercussão na cidade de Belém Pará, no período que esteve em atividade de 2003 á 2010.

Uma das atrizes do grupo cênico é Jéssica Itná, que saiu da iniciação artística e migrou para o grupo de teatro nos diz que:

[...] Eu já tinha uma história desde pequena na fundação, e assim vai crescendo vai mudando os projetos, vai se adequando a nossa idade e assim, a gente foi convidado para criar um grupo cênico dos adolescente, teve uma conversa e tudo mais, nós montamos o primeiro espetáculo, na verdade nós não tínhamos muitas expectativas a respeito, de que fosse criado daquele espetáculo, um grupo cênico.

Itná destaca um fator fundamental para a manutenção do grupo: os laços de afetos que construímos durante esse período de existência e a importância de dar vida a personagens. De poder imaginarmos no teatro ser quem podemos ser. E orgulha-se de ser uma das atrizes a participar do primeiro espetáculo do grupo cênico.

[..] Mas aí as pessoas foram criando amizade, o interesse foi aumentando, foram estimulando esse nosso interesse, em relação ao teatro e foi aí que a gente montou o grupo cênico. Eu tinha uns 14 anos de idade, na fundação desde 5 anos e no grupo cênico mesmo 14 anos. Eu participei do primeiro espetáculo. A nova roupa nova do imperador. Que eu fiz a imperatriz...

Em entrevista concedida, tia Neuza fala que a coordenar o grupo cênico com a sua chegada não foi nenhuma novidade. E que a princípio deu medo de estar à frente daqueles jovens. E diz que:

[...] Não foi novidade meu modo de chegada, agora para mim foi apavorante, né? Porque, de repente, só jovens na minha frente. Só que eu nunca fiz teatro, nunca estudei teatro e eu não sabia o que ia acontecer eu foi uma coisa que me meteu muito medo. Só que conforme o tempo foi passando pela minha formação, que eu fiz arquitetura, que eu fiz pintura, que eu estudei ballet, fiz piano e a junção de uma sorte até de todos e todas as pessoas que me rodeavam, me ajudando e a todos os meninos. Que quase imediatamente ficaram interessados nas ideias que a gente estava lançando de uma equipe assim maravilhosa. A coisa deu certo. Tanto que foi isso inesperadamente deu certo pra mim, né? Mas não que eu não tenha ficado com muito medo. Quando assumi.

Para David Matos, que sempre esteve trabalhando no grupo cênico a convite da tia Neuza, desde o início, fazendo iluminação cênica, traçando o mapa de luz, roteiro e sonoplastia, ele nos fala que sua entrada no grupo cênico foi de forma

natural, pois o mesmo era funcionário da FCV e lembra como começou a se envolver o grupo cênico. O mesmo diz que:

[...] O meu envolvimento com o grupo cênico partiu de um envolvimento comum quando eu entrei na Fundação Curro Velho em 1993, como funcionário, porque desde 1991/1992 eu já trabalhava como instrutor de oficinas. Eu trouxe o meu currículo, então eu estava vindo de uma carreira cênica e dentro desse período que foi o que eu mais trabalhei com iluminação em Belém do Pará. Então fazia luz para o grupo Experiência e Gruta. Praticamente todos os grupos de teatro de Belém do Pará eu consegui trabalhar iluminação com eles.

Os integrantes da equipe de técnicos que trabalhavam no grupo cênico eram composto por funcionários da própria FCV. Os instrutores eram todos prestadores de serviços para a casa. Os ensaios aconteciam depois do expediente da FCV. Às 18h, iniciavam os ensaios e estávamos todos lá. Éramos muitos, a maioria todos estudantes, e esse horário era estratégico pois abrangia tanto os estudantes do turno da manhã quanto da tarde.

Um dos coreógrafos e funcionários da casa na época, Dejan Câncio, que montou todas as coreografias do grupo, nos diz em seu relato que a equipe da tia Neuza tinha que realmente abraçar a causa de manter a existência do grupo.

[...] Com certeza, porque dava o nosso horário de trabalho normal né? Nós ficávamos depois do trabalho para esse grupo tá continuando e ensaiando, até porque o nosso intuito não era tirar os alunos de dentro de sala de aula pra vir ensaiar, e isso nós achávamos muito errado, então, nós esperávamos pegar não só os alunos da parte da manhã como o pessoal da parte da tarde para ensaiar todos juntos a noite, né?

Dejan, continua nos relatando sobre trabalhar após o expediente e eles não ganhavam hora extra e destaca a necessidade de alguns alunos em não ter o dinheiro da passagem de ônibus, para os que não moravam próximos da F.C.V, mas que eles sempre resolviam entre a equipe essa necessidade, pois viam a vontade de cada aluno em ir ensaiar todos os dias no grupo cênico

[...] Ah, pra gente abraçar a causa, nós tínhamos que brigar muito dentro da FCV, com justamente as questões dos horários, porque nós passávamos do horário, e sem cobrar hora extra, essas coisas todas, porque a gente não recebia hora extra a gente abraçava a causa mesmo com vocês, porque até a questão de algumas pessoas que chegavam com a gente: Pow, professor, não tenho dinheiro do ônibus, vou desistir, e a gente dizia não, arrumava o dinheiro de passagem para estarem ali naquele horário, né? Se dando, se doando, né? Para acontecer a cena.

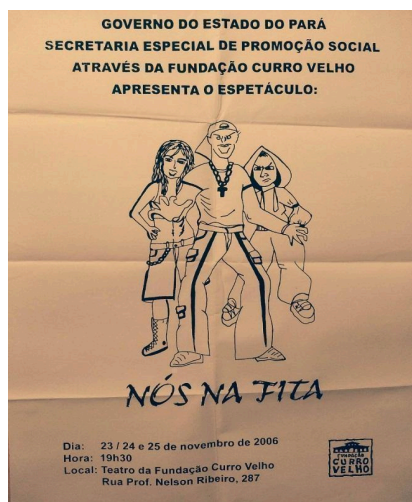
Foi e é inegável a importância desse grupo na FCV. Possibilitou vários caminhos de vida a quem participou desse momento dentro da FCV e se alimentou de toda essa bagagem intelectual vivida ali. Dentro daquela casa, a FCV, dentro do seu teatro e de outros palcos da cidade de Belém.

CENA III - A “Chegância” no Grupo Cênico “Nós na fita”

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar (Bertolt Brecht).

Essa era uma pergunta muito frequente entre os que transitavam pela FCV, para os integrantes do grupo cênico. Sabemos que muitos advindos da Iniciação Artística ingressaram no grupo cênico. Outros foram convidados por primos, irmãos, colegas de escola, vizinhos, uns vieram por divulgação por parte da FCV, dentro das escolas. E assim foram compondo o grupo cênico

Figura 9 - Cartaz de divulgação do Espetáculo Nós na Fita do Grupo Cênico da Fundação Curro Velho. Ano 2008



Fonte: Arquivo Pessoal.

Durante as entrevistas, quando fomos ficando cada vez mais curiosos em saber dessa resposta. Então, tivemos uma pergunta que induziu a todos: como você chegou entrou no Grupo Cênico da FCV? Ao perguntar para os integrantes, relembro que fazia oficinas na fundação e fui convidado pelo amigo Leandro

Ferreira, para fazer parte do grupo cênico. Esse por sua vez, conheceu o grupo assim da seguinte maneira. Leandro diz:

[...]. Como eu já fazia a maioria das oficinas do curro velho eu ficava namorando aquele grupo, ficava olhando eu já havia assistido a roupa nova do imperador. Eu ainda não fazia parte do grupo e gostei demais. Então eu comecei a namorar o grupo de longe, ia pra oficinas de iniciação teatral e ficava namorando. Até que um dia eu perguntei pra uma funcionária da fundação. Como eu poderia chegar até o grupo. E ela disse: - Olha vai lá, te escreve e faz. E aí eu fiz. Eu já entrei no grupo pra fazer a peça, *A Roupa Nova do Imperador*. Na substituição de um rapaz que não poderia fazer um personagem e eu já entrei com um personagem lá. E a partir disso eu comecei a participar de todas as experimentações. Porque era na verdade um grupo que tinha uma produção. Ele tinha uma agenda, e ele era um grupo aonde a fundação mostrava-se para os órgãos públicos, pro Estado. Então a função muito desse grupo era produzir-se cênicamente para apresentar-se, pra mostrar-se pra cidade também. Então funcionava.

O Kevin Braga, responde que foi um participante do grupo que o chamou para assistir a um ensaio:

[...] Foi o Marven dos Anjos que disse a ele falou que ele fazia teatro aqui no Curro Velho e que seria muito legal se eu viesse fazer porque nas palavras dele eu ia me dar muito bem lá. Ai eu vim assistir um espetáculo que ele participava que era *A Menina da Caixa de Fósforo*. E me interessei muito pelo espetáculo, pelo Curro Velho e aí eu entrei no ano seguinte era um espetáculo do auto de natal. E nesse ano eu fiz um casamento na roça, e no ano seguinte eu já estava fazendo outro casamento na roça, inclusive meu primeiro auto de natal foi, O uirapuru desafinado, que foi um processo, que ao mesmo tempo nasceu o grupo cênico, "Nós Na Fita", e ai na estreia do uirapuru eu me lembro que também era a estreia do a roupa nova do imperador. Eu fazia o uirapuru desafinado e ai eu saia correndo troca de roupa e entrava no outro espetáculo, que era a roupa nova.

O integrante Marven dos Anjos, um dos atores/bailarinos conheceu da seguinte forma:

[...] Na verdade eu comecei lá desde pequeno. Eu acho que eu entrei lá na faixa dos 8 ou 9 anos, por aí. Foi na época do carnaval, como sempre. É a parte que eles mais chamam o público da redondeza. E aí, eu fui, fui fazendo cursos lá, e aí fui avançando até chegar na parte cênica, quando eu já tinha uns 12, 13 anos. Parte cênica na parte do teatro, da dança onde eu comecei mais aprimorar o que na dança eu já passei pro teatro, por aí foi até hoje. E aí comecei a expandir demais. Fui pra companhias de fora, viajei, dancei fora em outro Estado. Tudo através da FCV. Graças a Deus. E aí consegui também.

O diretor musical dos espetáculos do Grupo Cênico, Mestre Muka, conta como foi que recebeu o convite da Tia Neuza para fazer parte do grupo.

[...] Eu fui convidado pela dona Neuza pra participar desse espetáculo, *Os Sete Novelos*. Como, na parte da percussão e algumas coisas que a gente pudesse criar, ali de música, dentro do espetáculo e foi muito legal essa parte. Foi um aprendizado muito grande pra mim. Porque eu já tinha tido uma experiência anterior, com outro professor, que até nos deixou. Ele fez um espetáculo que foi assim como eu

comecei a entender a música com o teatro que eu só fazia tocar em shows casas noturnas, mas esse casamento com o teatro e a música foi esse trabalho iniciante que eu fiz com o professor e foi que me mostrou esse caminho de teatro com a música.

Pawer Martins recebeu um convite, de seu primo, e o mesmo o trouxe para a bateria do Curro Velho.

[...] Foi um convite do meu primo. O meu primo me trouxe pra bateria pra participar, aí no primeiro ano eu participei da bateria. No segundo ano, eu já fui convidado a ser apoio da bateria. Eu tinha 13 anos. Aí, nesse segundo ano, comecei a participar com a tia Neuza, já também foi no segundo ano que eu comecei a desenvolver esse lado música e arte cênica. Comecei com 14 anos no grupo cênico, vinha participando do Curro Velho desde os 13 anos na bateria trabalhando na parte musical. Aí recebi o convite do Mestre Muka para participar do grupo cênico com a tia Neuza. Fazer parte do grupo, que estava sendo formado por jovens. Aí entrei. De lá em diante eu comecei a me interessar por música. Não tinha esse objetivo de ser músico, foi ali que eu consegui e percebi que o meu objetivo era música e até hoje eu trabalho com isso.

Luana Vilhena, foi convidada pela sua amiga Carmem, que já estava fazendo teatro na FCV, para compor o elenco no grupo do primeiro espetáculo do grupo e lembra:

[...] Eu tinha uns 13 anos e a Carmem que vinha por aqui e ela que me trouxe começou a me trazer algumas vezes e já direto pro grupo porque ela já começou antes de mim mais ou menos, né? Já estava no grupo, aí eu já vim direto pro grupo e depois que eu comecei a fazer outras coisas na fundação outros cursos, mas, de início, eu já vim pro grupo. Acho que o mais especial foi o *A Nova Roupa do Imperador*. Foi um dos mais bacanas que a gente fez, e depois que foi um dos melhores, e todo mundo gostou, foi o dos caramujos até pela questão da roupa, entrou o sapateado, então foi muito interesse.

Carlos Alberto (Betinho) nos fala que foi o seu amigo Cristiano Lopes, que o convidou para fazer teatro ainda no tempo da Iniciação Artística, antes de entrar no grupo cênico. E relembra do palco teatral a céu aberto que existia na FCV.

[...] A minha história no Curro Velho começou na Iniciação Artística quando

eu era criança através de um convite de um amigo que já era aluno da fundação, era o Cristiano Lopes que hoje ele mora em outra cidade e é artista também. Chegando no curro dia de sábado dia que aconteciam as aulas da Iniciação Artística e montagem de espetáculos aí então no curro velho eu pude escolher a modalidade que eu mais me identificava, teatro, dança, música ou circo eu tinha uns 11 anos, mais ou menos, a partir daí começamos a nos apresentar em teatros de arena que antigamente era de madeira atualmente ele foi reformado passando a ser de concreto agora imagina se apresentar às margens da Baía do Guajará, eu achava o máximo toda essa beleza dentro do meu bairro, o Telégrafo, na comunidade da Vila da Barca, depois de todo esse trabalho desenvolvido na iniciação, os meninos iam crescendo atingindo a adolescência foi aí que surgiu o grupo cênico *Nós Na Fita*.

Ingrid Francys lembra que entrou no grupo após as suas oficinas de dança e, logo em seguida, foi fazer os testes para seleção de elenco para o espetáculo dos caramujos. E passou para ser a protagonista do espetáculo.

[...] Bom, no Curro Velho quando eu conheci o grupo cênico eu participava do núcleo e eu fazia aula de iniciação à dança, que era até com o professor Dejan. Foi através dele que eu conheci o grupo, arte o cênico, que eu ficava observando na hora do intervalo eles ensaiarem e foi quando houve o convite para participar e aí eu aceitei, mais assim eu aceitei sem nenhuma pretensão de ser protagonista nem nada eu só queria mesmo porque, eu achava bonito as coreografias, a dança e também porque eu gostava de dançar, e gostava de tá naquele ambiente que era o Curro Velho.

Luziane Santos, já participava do teatro na FCV, por causa da iniciação artística e logo em seguida migrou para o grupo cênico.

[...] Ah, sim, eu entrei na FCV. Eu acho que eu tinha uns cinco anos de idade, e comecei a participar das oficinas. Fiz várias oficinas e vários cursos aqui na fundação, e entrei no grupo que era a tia Neuza que comandava, aqui tudinho nesse tempo e que era muito bacana, todo mundo participava. Tinha teatro, dança e música e várias outras coisas, muitas coisas legais. E a gente foi gostando e formamos um grupo muito legal nessa época.

Jared Moura, conta que quem o convidou para conhecer a FCV foi a sua vizinha e funcionária da FCV, Vanda Lopes. Ao chegar, ficou surpreso e se dedicou trabalhando com a música no grupo cênico

[...] Olha é assim, como aqui o Curro Velho é perto de casa, aqui na comunidade, eu fui com os pessoal, tem a Vanda (Lopes), que trabalha no Curro Velho há muito tempo. Ela mora perto de casa e sempre convidava a gente. E sempre a minha mãe falava pra gente vir, e a gente vinha e eu sempre gostei de música, de artes, de dança, e também eu fiz vários cursos, e até hoje eu frequento o Curro Velho. De vez em quando eu

trabalho pelo Curro Velho, carnaval ainda.

Priscila Castro, foi influenciada pela divulgação que houve em sua escola e ficou interessada em conhecer a FCV.

[...] Eu entrei eu acho que eu tinha uns 11 anos de idade. Eu entrei através das escolas. Eles iam nas escolas fazer, divulgar a fundação, divulgar os cursos, e na época eles foram na minha escola onde eu estudava e aí eles mostraram o projetos, as oficinas e então eu me interessei pelas oficinas, e desde ai eu me encarreguei de vim pro Curro Velho, me meter em todas as oficinas, teatro, dança, e aí eu participei de várias oficinas, vários espetáculos de teatro. Os caramujos, participei dos *Sete Novelos*, participei do *Nós Na Fita*, todos os *Cliks*.

ATO II - O PROCESSO CRIATIVO DO ESPETÁCULO QUANDO OS CARAMUJOS VÃO AO FUNERAL

Figura 10 - Ensaio do espetáculo “Nós na Fita” do Grupo Cênico da Fundação Curro Velho. Ano 2006.



Fonte: Foto Arquivo Pessoal.

[...] Tinha acabado de perder meu marido. E de repente eu estava chorando em cima de umas coisas que eu resolvi escrever. E veio sapo, veio sol, umas folhinhas, e a equipe foi tão fantástica, tinha um rapaz (Bruce Macedo), que fez as duas árvores, todas de miriti, a coisa era singela. Só tinham duas árvores de miriti, a iluminação do David, o seu Nato, que fez um sapo que era quase real. O menino, o Marven. Tinha o sol. Tinha a chuva. Que tinha que ter na Amazônia, tinha passarinho pra burro, tinha borboletas. Asas de passarinho que ficou uma lindeza, não foi? Ficou lindo. Todo vestuário. Toda a iluminação, o cenário, vocês tão lindos, a história acabou sendo muito engraçadinha. Eu peguei a poesia lá do homem. (Trecho da entrevista de Nelza Titan).

O espetáculo *Quando os caramujos vão ao funeral*, foi montado em 2003, é um conto francês e teve uma livre adaptação da coordenadora do grupo, Neuza Titan, do livro *Dia de Folga* do poeta francês Jacques Prevert. Uma obra de extrema sutileza no trato com a palavra, rica em significados, que trata do dia-a-dia de maneira particularmente original, mistura de doçura e poesia numa linguagem lúdica e coreográfica, onde dois caramujos valorizam a amizade e os seres da natureza.

Sendo este o espetáculo que eu inicio minha estada no grupo cênico. E o que me motivou a pesquisar o processo de montagem sobre esse saudoso grupo

Figura 11 - Titan falando ao público no Teatro da Fundação Curro Velho. Ano 2006



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em sua adaptação, tia Neuza criou a história de dois caramujos que recebem uma carta do carapanãdex avisando que a amiga erva cidreira havia sido morta em um incêndio na floresta amazônica. Os dois vão ao enterro da folha morta. Passam por vários obstáculos na floresta até chegarem ao velório para prestarem as suas últimas homenagens. Eles são conduzidos por uma sapo, são observados pelas borboletas, são ajudados pelos passarinhos, enfrentam tempestuosas chuvas, quando a noite cai são guiados pelo lumiar dos vagalumes. Prestes a desistir, se encontram com o sorridente sol, e são recebidos pela mais nova folha a erva-doce que acabara de nascer. Abaixo temos um trecho da fala dos personagens o Caramujo e a Sra. Caramujo.

Caramujo

Me parece o zunido dos carteiros... Ouça...Não são eles?

Sr^a Caramujo

São eles mesmos, mas... A esta hora??

Boa coisa não é!

Meu 2º sentido está me avisando! Xii...Tô toda arrepiada!!

Caramujo

Calma querida, vamos ver quem é!

Com medo ou sem medo, as boas e más notícias chegam... O mais

Inteligente é procurarmos a tranquilidade...

Fica sempre mais fácil de resolver os problemas!

Srª Caramujo

Aquela coisinha preciosa!! Aquela graça da floresta!!

Aquela amiga do peito... (soluça) Aquela...

Neuza Titan coordenou vários espetáculos dentro do grupo, como: “A Nova Roupa Nova Do Imperador, Os Setes Novelos, Os Clicks I, II E III, e o Nós na Fita”. Para. Uma mulher de presença marcante, elegante, refinada, alta, sempre com um cigarro em mãos durante os ensaios. Fumava fora do teatro para não nos incomodar. Sua delicadeza era incrível, nesse período foi muito presente em minha na vida, e na vida de todos nós que estávamos envolvidos no grupo cênico.

Para muitos de nós, Tia Neuza assumia o papel de nossa segunda mãe e muitas das vezes, era a mãe de todos. Ocupava esse papel divinamente. Ela era sabedora da real situação de cada componente do seu grupo. Ela não media esforços para dar o melhor para nós em nossos espetáculos. Cuidava de cada detalhe da produção. Tia Neuza era uma pessoa que nos transmitia esperanças de um futuro melhor, e foi aí, que eu e todos os outros componentes do grupo, fomos nos identificando com ela cada vez mais.

Figura 12 - Cena do espetáculo Nós na Fita. Ano 2007



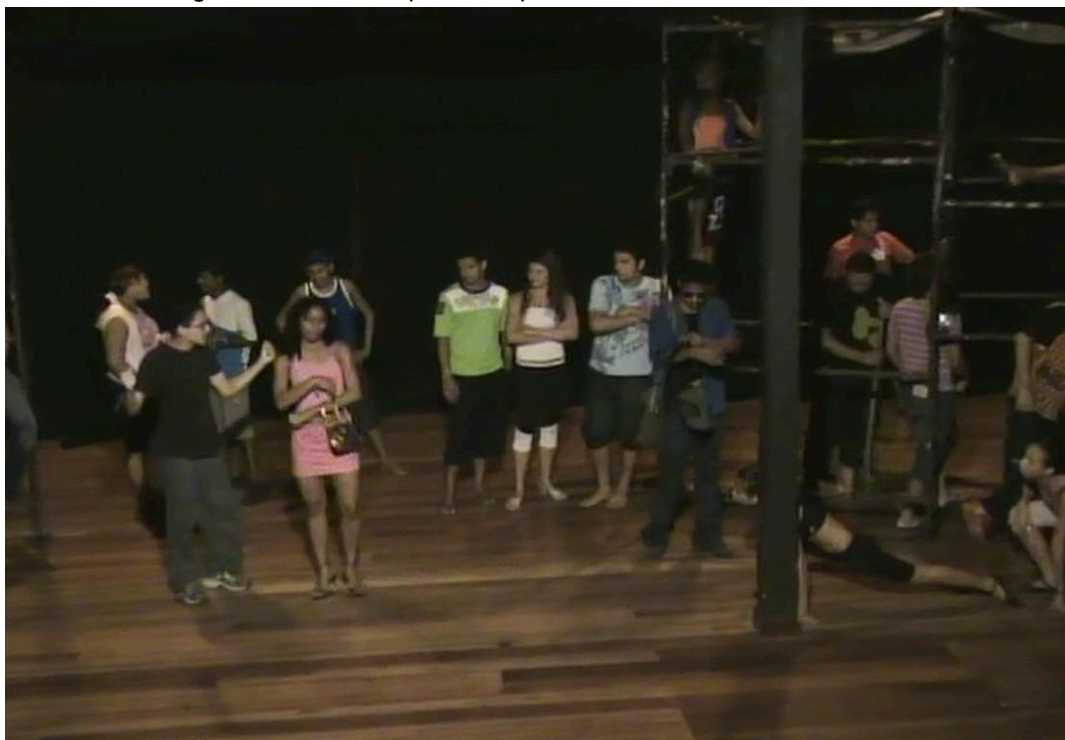
Fonte: Arquivo da Fundação Curro Velho.

Para Dowbor (2008), o diálogo requer troca, requer espaço interno, curiosidade amorosa e disponibilidade para o outro. Generoso, para crer que o outro tem o que dizer, tem contribuições a dar. Mobilidade, para poder criar espaços, dar cabida ao outro. Dialogicidade e generosidade são amigas íntimas na minha fantasia. Uma alimenta a outra, são parceiras.

Esses cuidados com o outro, esse olhar diferenciado, esse diálogo, e a disponibilidade para o outro, faz toda a diferença na vida dessa pessoa que, muitas das vezes, só conta com o afeto e a escuta do educador. Como era o caso de muitos de nós no grupo cênico. Nossa realidade era tão difícil, que só a nossa arte através dos espetáculos, tinha o real dever de transmitir essa mensagem verdadeiramente. E ela sempre reafirmava para nós, que a vida é bela apesar de todas as dificuldades. Ela conseguiu, ou melhor conseguimos com a ajuda de toda a sua equipe. Sonhar e se encantar com a magia dos palcos.

Para colocar esses 45 a 50 adolescentes no espetáculo dos caramujos, todos calçados com sapatos de sapateado, para um grupo como o nosso, era quase impossível. Com uma trilha sonora refinada, a música clássica. Foi um momento desafiador da vida dessa diretora e de sua equipe ao quais todos confiavam. Tia Neuza fez de tudo para que esse espetáculo tivesse a beleza que ela queria e que nós merecíamos.

Figura 13 - Ensaios para o espetáculo "Nós na Fita". Ano 2005



Fonte: Arquivo da Fundação Curro Velho.

Em entrevista concedida para essa pesquisa, tia Neuza fala como ela pensou no espetáculo, de que forma ela adapta para a nossa região amazônica e de como acrescenta personagem muito próximos de nós, e como esse espetáculo transformou-se em uma catarse ao escrever, fazendo de sua adaptação uma dramaturgia da saudade, uma escrita para a sobrevivência. Ela comenta:

[...] Pois é, eu recebi um livro de poesias do meu filho, que é um francês, *Dia de Folga* o nome, do Jaques e aí folheeí ele, e de repente tinha uma historinha de dois caramujos que iam a um enterro. Ah, não, esses dois caramujos vão vir aqui pra Amazônia, esses dois caramujos vão pro enterro de uma folhinha, e aí começou, de repente veio na minha cabeça que ia ter passarinho, carapanã, vagalume, borboletas, e aí foi surgindo a montagem desses caramujos que saíam de Paris e foram para a Amazônia. E na verdade, foi até uma catarse pra mim. Porque a história é o que eu queria passar, e que a gente tem que lutar contra as adversidades que a gente, e a vida tem, apesar da morte, que a gente tem que lutar pela vida. Tem que viver, que a gente tem o direito de ser feliz, e no fundo a gente não faz nada do que não parta da gente mesmo.

Dina Oliveira sintetiza a grandeza que a adaptação e montagem do espetáculo, foi na vida da tia Neuza:

[...] Foi um momento muito especial na vida dela que o espetáculo tinha muito dela. Quando os caramujos vão ao funeral era a vida dela ali exposta. Falava de perdas sofridas por ela. E que no meio de tudo isso de forma lenta, havia esperança e gratidão.

Para Kevin Braga, ex-integrante do grupo cênico, ele fala como seria o primeiro nome do espetáculo *Quando Os Caramujos Vão Ao Funeral*. O primeiro nome seria *Canção Dos Caramujos Que Vão Ao Enterro De Uma Folha Morta* ou *Funeral De Uma Folha Morta*. Destaca que o texto poderia ser mexido para uma livre adaptação dos atores.

[...] Continuei no grupo e depois nós fizemos a *Canção Dos Caramujos Que Vão Ao Enterro De Uma Folha Morta* ou *Funeral De Uma Folha Morta*. O primeiro nome era esse, mas a gente mudou depois eu lembro que a ideia desse espetáculo era de introduzir uma nova forma de espetáculo que a Neuza, ela queria trazer sapateado pro Curro Velho, então, foi um processo bem extenso, porque a gente tinha que aprender sapateado e junto com o sapateado tinha a adaptação do texto que muitas pessoas fizeram essa adaptação, ajudaram a adaptar, que era uma poesia de um francês que eu não me recordo agora o nome, mas e aí cada trecho a gente foi destacando o que podia ser personagem, onde entrava, e como terminava o espetáculo.

Durante o processo de adaptação no espetáculo, tia Neuza foi ousada, pois queria colocar o elenco para sapatear. E com um detalhe: todo o elenco dos jovens. Uma técnica de dança, que para a Fundação Curro Velho, fugia da realidade do grupo. E lembra que foi relutante em ter, e que começou a negociar com órgãos do Estado para poder consegui-los. E lembra:

[...] Sabe de uma coisa eu vou botar música clássica, tudo bem que a gente adora música regional, um brega, hum não sei o que mais. Porque os meus filhos ouvem músicas clássicas e eles não? Então eu pedi pro meu genro que é músico na Holanda que eu dizia as coisas e ele me ajudou nisso. Nossa, a felicidade minha quando via os meninos cantarolando pelas calçadas do Curro, lá... Lá... Lá... Lá... Eu digo: Oh, meu Deus, tão cantando música clássica. É o que a gente faz pra filhos. Vou botar sapateado. Não tinha. Chorei, pedi e arranjei sapato pra todo mundo. A gente foi se apresentar em um lugar e eu pedi um pagamento que era um sapato pra todo mundo (risos). E muita gente sapateou, muita gente sapateou. Olha, aquilo foi meu amor, foi o estouro da boiada pra mim. Foi o estouro da vida.

Entrevistamos o coreógrafo dos espetáculos do Grupo Cênico *Nós Na Fita*, Dejan Cância que nos revela como foi fazer com que todo o elenco sapateasse, mesmo quando só alguns se identificavam com a dança e com o sapateado, que era difícil para alguns do elenco. Como educador, isso nunca foi um desânimo em nos

ensinar a dançar. Ao contrário, fez cada um conhecedor de nossas próprias limitações e habilidades e esquema corporal e consciência corporal.

No caso da dança, o fazer e sentir nunca está dissociado do corpo, que é a própria dança. Para que se possa compreender e desfrutar esteticamente e artisticamente a dança, portanto, é necessário que nossos corpos estejam engajados de forma integrada com o seu fazer-pensar. Essa é uma das grandes contribuições da dança para a educação do ser humano – educar corpos que sejam capazes de criar pensando e re-significar o mundo em forma de arte (MARQUES, 2007, p.24).

Em entrevista concedida Dejan lembra:

[...] A dona Neuza queria colocar o sapateado no grupo e eu tinha acabado de chegar de um evento de dança onde o sapateado imperou dentro do evento, que foi em Brasília. Aí eu já trouxe todo o material, entendeu? E aí eu já me entreguei pra situação, já coloquei. Eu pelo menos já sabia e passava pra dona Neuza que eu ia ter um grande trabalho porque nós não tínhamos bailarinos. Nós não tínhamos disponibilidade de tempo e dedicação pra coisa fluir, então isso pra mim era, hum, como eu posso falar, uma superação também para passar para os alunos o que eles desenvolveram em cena.

Para a atriz que deu vida à Senhora Caramujo, Ingrid Francys, acerca das aulas de sapateado nos dá o seguinte depoimento sobre os dias exaustivos de ensaios dentro do grupo para chegarmos a perfeição.

[...] Eram ensaios incansáveis, era de segunda a sábado e, às vezes, a gente ensaiava no sábado. E quando estava próximo a gente ensaiava de domingo a domingo pra que desse tudo certo. Tanto é que não tinha erro. Os erros que tinham eram poucos e assim, ficávamos frustrados (risos). Porque a gente passava seis meses ensaiando e chega na hora ainda errar. Então, a minha experiência com o sapateado, eu não sabia nada de sapateado, não sabia nem sapatear, e as aulas eram das 18h até as 21h direto. E eu não vou dizer que é fácil aprender sapateado por que um grupo com 45 pessoas, em seis meses tu formar sapateadores porque na verdade, a gente aprendeu, a gente não enganava, não tinha ninguém ali dublando. A gente aprendeu a sapatear. Não era fácil, a gente tinha apenas o professor Dejan que se dedicou, a ensinar pessoas que não tinham noção do que era isso, era uma outra realidade pra gente. Eu não vou dizer que só eu me dediquei, mas muitos alunos ali se dedicaram, se destacaram até mais do que eu na parte do sapateado. Fiquei mais na cena, dando vida no espetáculo.

Dentre os alunos que se destacavam no sapateado, por ter habilidades com a dança, e que assumia o papel de auxiliar na dança, ensinando o restante dos alunos, reforçando a coreografia, é o Marven dos Anjos que deu vida ao sapo no espetáculo. O mesmo chegava mais cedo nos ensaios, reunia um grupo de atores e

ensaiava por horas e horas os passos do sapateado.

Na condição de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendidos pelos educandos (Freire, 1996, p. 26)

Como Marven, tinha potencialidade de aprender mais rápido pelo motivo de gostar de dança e de dançar, ele reproduzia com facilidade, tínhamos ele referência para repassar os ensinamentos, dados pelo educador Dejan e comenta:

[...] Aí nós caramujos já me deram a personagem de sapo. Um personagem mais ou menos que assim dava o enredo da história entendeu. Já trazia isso, ele costurava a trama. Foi bem legal, foi muito legal fazer esses dois personagens. Ah, sim, no caramujo eu sapateava. No sapo eu já fazia tipo uma imitação do sapateado. Não necessariamente o sapato eu usava porque não podia. Mais eu inventava uma dancinha e já fazia a parte do sapateado. Eu sabia, sabia a coreografia. A parte da dança era o meu forte. Ensinava porque eu tinha mais facilidade de aprender e aí eu já conseguia mais, a dificuldade com os amigos que faziam parte de lá.

Para o iluminador e sonoplasta do grupo cênico Davi Matos comenta sobre a inovação do grupo usar o sapateado na cena e admira-se da forma de como a tia Neuza vem contestar um pouco sobre esse aluno do grupo em não poder comprar o sapato, mais ela dá outras possibilidades para que se tenha o sapateado em cena.

[...] A Neuza vem contestar um pouquinho isso e fazer ao contrário. Mesmo que o aluno não pudesse comprar sapato de sapateado pra ele aprender o sapateado em casa. O que a Neuza quis dizer com o espetáculo era que se podia sonhar. E que se permitisse fazer mesmo que não fosse possível comprar. Porque o papel da instituição era permitir que os alunos sonhassem, dentro da área artística. E isso foi de uma coragem absolutamente fantástica. E isso levou quando eu venho conversar com a Neuza e descobrir isso. É quando a gente trabalha com o sapateado, geralmente você trabalha é uma técnica que você vai lá nos negros americanos, você vai trabalhar com jazz alguma coisa dentro do blues.

Sobre a trilha sonora que compunha o espetáculo, Dina nos afirma em sua fala da exigência, e rigor do bom, de um bom gosto musical de música, da música erudita, em especial para o espetáculo dos caramujos, pois a formação em música da tia Nelza ela colocaria em prática nessa montagem para o grupo cênico, abrilhantando com a beleza estética da cena.

Sobre a poética da iluminação do espetáculo para um texto triste como foi o

da montagem dos caramujos, Davi Matos, neste momento fica muito antenado com o que era a poética do espetáculo em especial para a tia Neuza, pois ele sabia como foi construída essa escrita, ele percebe que essa adaptação poética é uma dramaturgia da saudade, pois o texto não falava de saudosismo, ele através da iluminação percebe que era um texto que falava do viver a vida apesar das adversidades e das perdas que passamos neste plano e de como isso seria transformador na vida de cada um de nós.

Figura 14 - Apresentação do Espetáculo “ Quando os Caramujos vão ao Funeral”. Ano 2004



Fonte: Arquivo Pessoal Nelza Titan.

A Iluminação ia pulsar realmente, dando esperança no espetáculo, ele no papel de iluminador e amigo, queria mostrar isso naquele momento. já que o texto que teve uma escolha muito própria dela, uma adaptação de um momento que ela passou em sua vida. E ele lembra desse momento acompanhando ela diretamente nesses dois processos. O pessoal e profissional. Essa luz não ilumina somente o espetáculo. Ela ilumina os sentimentos da Tia Nelza.

E o mesmo diz que:

[...] E ela escolhe um texto extremamente melancólico, mas extremamente poético. Então haviam cenas no espetáculo que, a princípio, a Neuza dizia que tá muito escuro e eu dizia pra ela Neuza não está escuro. Eu quero que

a plateia ouça, ela embarque no sapateado, valorizar o sapateado. Não valorizar tanto o figurino calma que a luz vai sentar e ele vai entrar. Mas a primeira parte do espetáculo ele era todo escuro. Porque na primeira parte do espetáculo os dois caramujos não tinham esperanças. Porém havia esperança, havia o sol, havia uma série de coisas então quando a gente abre a luz do espetáculo toda. O espetáculo é todo colorido no final. Tinha que causar a primeira sensação de desesperança. Através da pouca luz do início. Pra poder causar a esperança. Quando eu abro a luz do espetáculo toda no final.

Stanislavski (2011) fala acerca da memória emocional para o trabalho de atuação de seu grupo de teatro de forma descontraída e comentando os exercícios que fizeram no dia anterior e repetindo-os no outro dia, sendo que no segundo dia não funcionou como no primeiro, por conta da atenção dos atores que não estava mais contida nos sentimentos, mas nos detalhes externos da cena.

Figura 15 - Espetáculo "Quando os Caramujos vão ao Funeral" (2004)



Fonte: Arquivo Pessoal de Neuza Titan.

Ao longo da vida, somos marcados por histórias que nos atravessam e essas histórias criam sentidos variados dentro de nós, às vezes, criando códigos que podemos resgatar a qualquer momento e estes sentidos vão nos construindo como pessoas. David nos conta que:

[...] Eu sabia o que aquele espetáculo significava pra ela. É, então, assim, uma das coisas que eu acho legal é que apesar de o que significava tinha pra vida pessoal dela. Mas na verdade ela queria trabalhar duas coisas:

trabalhar a partida, se despedir desse momento ruim que ela teve trabalhando com um grupo de jovens que tinham tudo pela frente. Então, ela estava se despedindo de uma fase para entrar em outra fase. Foi uma coisa legal que aconteceu, algumas vezes a Neuza estava junto comigo na mesa de luz, e ela determinava quando uma luz entrava, quando estava ficando muito escuro. Eu não estava iluminando somente um espetáculo, eu estava iluminando luz pros sentimentos dela transformados em cena. Então assim é muito bom fazer isso com o espetáculo já que não tínhamos nenhum objetivo comercial.

No processo de montagem do espetáculo, nós os atuentes e alunos do grupo cênico foi fundamental para que pudéssemos compreender nossos sentidos, um pouco de nossa história e a importância desse papel. Nesse exercício, vemos mais do que estimular os sentimentos, mas uma construção de valores, porque, a partir do momento que passamos a pensar nossa história, nossa existência, criamos consciência de mundo.

Figura 16 - Espetáculo "Quando os Caramujos vão ao Funeral". Ano 2004



Fonte: Arquivo Pessoal de Neuza Titan.

Logo, para o ensino teatral é primordial uma reflexão acerca das emoções. Friso a importância do emocional no teatro, ou seja, passamos a nos olhar de dentro para fora e, com isso, acaba se compreendendo. E o que é a educação senão conhecer-se. a atuação passa primordialmente pela emoção. As nossas emoções foram trabalhadas com muito cuidado e carinho. Esses sentimentos, tirados da

nossa experiência real e transferidos para o papel, é que dão vida à peça

Sentir está relacionado com o ato de educar, mas o aluno precisa de coordenadas, estímulo, para experimentar em seu corpo e, por sua vez, externar. O teatro valoriza demais isto, porque no teatro o material humano é o primordial para ser trabalhado. A educação teatral vem de dentro para fora, através das experiências dos indivíduos. Por conta disso que há identificação, quando o aluno diz que jamais pensava que o teatro tinha este componente que o instiga à emoção e ao compartilhamento das emoções em grupo.

Em entrevista recente, a tia Neuza me revela, realmente, estar muito próxima a esta iluminação. E ela falou que era um espetáculo que não tinha um cenário de ostentação, luxuoso. Eram duas árvores de miriti, produzidas pelo Bruce Macedo, que fez o cenário e a confecção de adereços. E que a iluminação era um trabalho muito delicado, e para o cenário que foi concebido, a luz possuía delicadeza e poesia.

Conversamos com o cenógrafo e aderecista Bruce Macedo. Ele nos fala como era trabalhar nos espetáculos do grupo cênico da FCV. Bruce ainda nos revela que foi a partir desse momento que ele começa a criar um nome na cidade, de um artista que constrói cenários e adereços por meio de miriti¹⁵. E conta-nos que encontrou muita resistência em firmar seu nome, como cenógrafo aqui em Belém, pois o miriti, é um material frágil e as pessoas não acreditavam muito. Para Bruce:

[...] Na verdade eu comecei a utilizar o miriti em 1998. E aí em 1999 o miriti entra na cenografia paraense, como cenário, como estrutura cênica. E aí na Fundação Curro Velho, especificamente, se pensou em trabalhar com esse material com jovens, pela facilidade de lidar com o material e pelo material ser da região amazônica, né? Então seria agregar valor a um material que nós já tínhamos, sem estar

Utilizando outros materiais, que anteriormente nós utilizamos que eram poluentes, agressivos e caros também de se conseguir. Se fazer adereços cênicos é o que eu acho que foi importante ali? Foi o contato. Foram as trocas de experiências

¹⁵ Produto tropical extraído de nossas matas, várzeas e beiras dos igarapés, a palmeira MAURITA FLEXUOSAL recebe o nome vulgar de MIRITIZEIRO ou BURITIZEIRO. Tem várias utilidades. À margem dos roçados e seringais fornece a palha para cobrir cabanas. Do broto ou grelo tira-se a envira, fibra que serve para tecer maqueiras (redes artesanais), tapetes e bolsas. A tala, tirada das folhas, fornece meios para os artesãos tecem paneiros, tipitis, cestos, balaios e, ainda, para esculpir brinquedos de formas variadas, como cobras, pombinhas, soca-socas, barcos, araras, jacarés e tatus, entre outros. A fruta, o miriti, é fonte de alimento vitamínico, degustada com farinha e açúcar. Dela são feitos licor e vinho, servindo também para aguar o tradicional mingau de farinha-d'água ou arroz. Do fruto ainda se extrai a tinta para pintar brinquedos e quadros originais.

mesmo. O carinho que todos os instrutores lá tinham com os jovens e com as crianças que passavam.

Bruce também nos conta em sua entrevista que ele não contava com uma equipe de cenografia. Ele contava com uma equipe de apoio ao cenário e adereços, que eram alguns de nós integrantes do grupo que entrávamos no processo de construção coletiva de adereços e cenários. Segundo ele:

[...] Acho que ali, foi o meu maior laboratório, né? Ali eu ficava à vontade pra criar e tinha toda essa liberdade e tinha sempre jovens participando em caráter de oficina, fosse pra espetáculo de teatro, fosse pra esses espetáculos de dança, fosse pro carnaval. Eram sempre laboratórios artísticos que eram criados. Então, tudo que desenvolvo não era um processo só nosso, era um processo coletivo onde as crianças pensavam, onde os jovens pensavam e a gente executava juntos. Nós ensinamos as técnicas e aí a beleza se fazia com o corpo, né? principalmente à parte desse material.

Bruce conclui em sua entrevista que esse processo de construção coletiva com o grupo cênico, ele e a FCV, queria despertar em nós, uma outra possibilidade de geração de renda. Ao qual é uma das características da FCV, buscarmos alternativas, através da arte e ofício. E fala como era importante nós aprendermos naquele momento essa técnica:

[...] Então, a partir do momento que nós ensinamos aqueles jovens, a trabalhar essa cenografia através das técnicas de molde, encaixe, modelagem. Eles poderiam ter uma outra possibilidade de fonte de renda que é uma das grandes, da linha da FCV. São as oficinas de arte e ofício, ou seja é capacitar o jovem pra que ele também tenha uma outra possibilidade de ganho, que ele tenha um aprendizado artístico, mas que ele possa ter lucro no futuro. E a intenção, de se colocar esses jovens, que eram os cenógrafos, eram cenotécnicos e eram os atores. Era pra mostrar pra eles, que eles podiam, sim, transitar por esse universo das artes e não ficar ali só como atores.

Portanto para Dowbor (2008) diz que: “aprendemos porque somos seres humanos e nos tornamos humanos pelo ato de conhecer o mundo; ou seja, nosso processo de ‘humanização’ é marcado pelas relações de aprendizagem que vivenciamos ao longo da nossa história de vida”. E não foi diferente no grupo cênico, foram inúmeras vezes que dentro do grupo, éramos atacados por afetos constantes. Uma briga ou outra com o integrante, mas nada que não fosse resolvido ali mesmo. E tudo voltava ao normal.

Figura 17 - Apresentação do Espetáculo “ Quando os Caramujos vão ao Funeral”. Ano 2004



Fonte: Arquivo Pessoal Nelza Titan.

Sobre o educar no grupo cênico dos educadores, que tia Neuza fazia questão de escolher para cuidar de nós: e aí ela vem com várias coisas, ela vem com os valores humanos. Ela vem também para o grupo com esse refinamento de ter um bom instrutor e um bom músico. A primazia dos artistas em cada processo de montagem dentro do grupo.

Para a escolha dos personagens do espetáculo houve uma seleção para compor o elenco dos atores que iriam encenar o espetáculo do grupo cênico e a escolha do Sr. e Sra. Caramujo movimentou uma tarde inteira dentro do teatro da FCV. A escolhida dentre as candidatas para dar vida a Sra. caramujo foi a Ingrid Souza, ela relembra um pouco como foi esse momento em sua vida. Ingrid chegou a pensar que não seria a protagonista do espetáculo pelo fato de nunca ter feito teatro. E ficou muito contente e nos diz que:

[...] Foi o meu primeiro contato no grupo. Houve a seleção para protagonista na peça do caramujo, houve, assim todo mundo se surpreendeu porque ninguém esperava de mim destaque porque eu era tímida, calada eu quase não falava e aí quando foi na hora de selecionar eu me destaquei, eu dei o meu show. Todo mundo era pra falar um verso e eu decorei todo o verso e todo mundo chegava lá, e só falava, o pessoal só chegava e falava, eu ao invés de falar, eu cantei, dancei, eu ocupei todos os espaços de dança, e chegou na hora, o professor Dejan ficou abismado, porque ele não esperava essa reação até porque eu nunca tinha feito teatro. E ele não esperava que eu fosse recitar um verso dessa forma. E daí que começou a seleção, e eu fui selecionada, e houve muita briga porque tipo: eu era tati bitati . E pra uma peça dessa, não podia, eu falava muito errado, não porque eu queira falar errado, mas era a minha fala.

Ingrid acrescenta também, o seu esforço e dedicação para a composição de sua personagem, a Sra. Caramujo:

[...] Isso foi no período das férias, passamos o mês de julho todo ensaiando. A gente passou até o dia 15 de julho fazendo ensaios, pra essa peça, até porque essa peça é diferencial. Muito diferente daquilo que o Curro Velho tinha apresentado. Que não ia ter apenas o teatro e a dança, ia incluir o sapateado, ia incluir outros tipos de culturas diferentes, de coisas que o grupo, ainda não tinha feito e foi aí que entrou, a minha participação nessa peça, e tanto é que a gente não só apresentou, no teatro Curro Velho, a gente fez apresentação dessa peça em vários teatros.

Com a estreia do espetáculo. Com o sucesso que foi na cidade. Ingrid nos emociona com o reconhecimento dela, em estar na cena. E narra com alegria as entrevistas que deu para a televisão e manchetes nos jornais.

[...] É claro. Eu não sabia que ia sair no jornal, eu não tinha, dimensão de como era ser atriz principal. Porque querendo ou não tem aqueles mimos. Tem as regalias de cenário, de figurino, tu podes escolher, tem maquiagem, você é a primeira a se maquiar. Não tinha essa dimensão que era isso, porque era a minha primeira participação com o teatro. Então quando eu tive essa experiência pra mim foi emocionante, porque eu jamais esperaria passar por isso. Saiu no jornal, foi muito reconhecido e mais emocionante, durante a peça, como o público-alvo era criança, então quando a gente chegava na praça quando os caramujos morriam, eles choravam e nem era pra mim chorar de verdade, era só pra mim encenar e na hora por eu ver a reação das crianças eu chorava de verdade.

Ingrid no meio de sua entrevista nos lembra do cuidado que tia Neuza tinha com a sua equipe, em relação ao grupo. E fala com muito carinho da maquiagem que era usada em cena. E recorda do carinho e esforço que tia Neuza fez para trazer o maquiador Ronaldo Fayal para elaboração da maquiagem no grupo. Segundo Ingrid:

[...] A gente teve todo um preparo, desde a maquiagem. A gente teve professores de maquiagem que nos ensinam a fazer uma maquiagem cênica totalmente especial e a gente nunca tinha trabalhado com isso. Tipo, a gente teve uma oficina de maquiagem onde o professor, Ronaldo Fayal, ensinou a gente a fazer, mas as apresentações não eram os maquiadores profissionais, eram os próprios alunos que participaram dessa oficina que fizeram as maquiagens. Então isso foi muito válido porque hoje em dia a gente teve um conhecimento de algo que não se tem mais dentro da FCV. Então os espetáculos que eram pagos, a gente não recebia esse dinheiro porque era investido em nossas roupas. E a gente era consciente de tudo isso. Então todo o material usado tinha parte de doação, tinha, mas o restante era fruto do nosso trabalho. Tanto é que os nossos sapatos de sapateado eram todos originais e vieram de São Paulo. Então essa peça foi uma peça muito glamorosa. Eu tinha 17 anos quando comecei a participar desse grupo.

Quando chegou o grande dia da estreia do espetáculo *Quando Os Caramujos Vão Ao Funeral* tudo estava bem ensaiado com exaustão para não fazer feio, luz afinada, trilha sonora afinadíssima, maquiagem impecável, figurino confeccionado e ajustado em cada corpo. Os figurinos contaram com o reaproveitamento de antigos figurinos do acervo da FCV, de outros espetáculos. Essa prática sempre foi adotada dentro da fundação pelas equipes de figurinos. Os mesmos foram adaptados sem perder o brilho e a magia na cena. E nós todos do elenco estávamos com os nossos corações nas mãos.

Figura 18 - Apresentação do Espetáculo “ Quando os Caramujos vão ao Funeral”. Ano 2004



Fonte: Arquivo Pessoal Neuza Titan.

Minha família foi me prestigiar. Minha mãe fez questão de levar os vizinhos, os amigos da igreja onde ela se congregava, e algumas crianças. E vários amigos estavam na platéia. Lembro que nesse dia fiquei muito feliz em ver a minha mãe, me apoiando nessa trajetória. Ingrid acrescenta, como foi o dia da estreia dela como protagonista, vivendo a Sra. Caramujo:

[...] A estreia foi no teatro da fundação e depois a gente foi pro Teatro Margarida Schivasappa, porque todas as apresentações tinham que ser primeiramente no Curro Velho, depois ia apresentar nos outros teatro e nos outros lugares. Porque não era só teatro que a gente apresentava. A principal estreia tinha que ser no Curro Velho e a estreia tinha a insegurança de ter plateia. Porque no Curro Velho geralmente a gente contava com os alunos, então a gente esperava que não tivesse tanta plateia e quando a gente apresentou, que teve toda uma divulgação, apareceu no jornal, a gente deu entrevista para a TV Cultura, então a gente não esperava que tivesse um retorno muito grande. E quando foi a nossa estreia o teatro do Curro Velho se tornou pequeno para nossa apresentação.

Um diferencial do grupo cênico para a iniciação artística era que, o grupo mantinha uma agenda constante de apresentações, nos teatros da cidade e em órgãos públicos que solicitavam apresentações em algum evento ou lançamento de algum programa do governo, ou feiras do livro. Neste momento de estreia do espetáculo dos caramujos, como foi um sucesso na estreia, e todos admirados com o elenco fazendo sapateado.

Figura 19 - Apresentação do Espetáculo “ Quando os Caramujos vão ao FuneVral”. Ano 2004



Fonte: Arquivo pessoal.

O Grupo estava com uma agenda intensa de apresentações. Lembro-me que nos apresentamos em vários locais da cidade. Portanto, mesmo apresentado o espetáculo *Quando Os Caramujos Vão Ao Funeral*, o grupo já estava se preparando para outras montagens de trabalho. Os ensaios para o novo processo de montagem só paravam quando tínhamos alguma agenda de apresentação para cumprir.

Figura 20 - Cartaz do Auto de Natal da Fundação Curro Velho. Ano 2005



Fonte: Arquivo Pessoal.

ATO III - ANALISANDO O ESPETÁCULO MIRA O AMOR QUE PARTE MIRA O AMOR QUE FICA

Figura 21 - Foto da Iluminação do espetáculo Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica. Ano 2021



Fonte: Arquivo pessoal.

Como nasce uma dramaturgia da saudade nos espetáculos?

Início com esta pergunta, e ela possui inúmeras respostas. Mas, adianto logo que, para a construção dessa dramaturgia da saudade, sempre será uma obra inacabada do espetáculo, pois nossa memória afetiva está em busca de construções, um estado de emergência, e as respostas faltaram.

Tudo aqui para essa construção da dramaturgia da saudade se inicia lá no meu prólogo. Em minhas memórias mais íntimas e fabulosas e vem arrancando todas as minhas cenas plasmadas em minha memória.

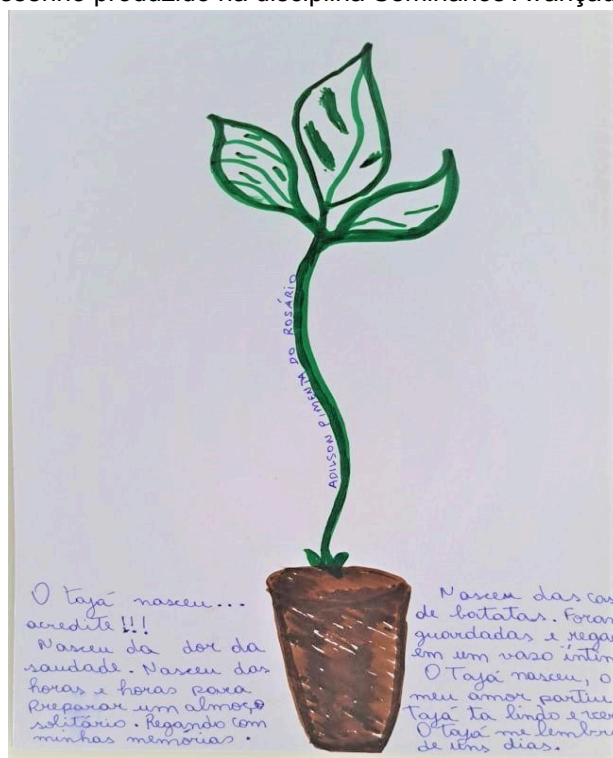
Nesse sentido, entende-se que a morte aflora memórias afetivas sobre o ente morto, tanto a memória individual quanto a coletiva. Assim, pode-se pensar que a necessidade de se preservar a imagem do morto, produzindo a sua representação, ou seja, seu retrato decorre principalmente da intenção de enfrentar a dor da perda. A representação imagética assume o papel de instrumento de apoio para o bom trabalho de luto, preenchendo um

vazio deixado a partir do desaparecimento do corpo, e ainda, apresenta-se como uma forma de lutar contra a ameaça que cerca a todos os indivíduos, a assustadora ameaça do esquecimento como cita Assaad Zaidan (2001. p. 62).

A vontade de ir para a cena, de voltar a fazer teatro, veio muito forte em 2019, junto com meu amigo e artista Wellington Romário, escrevemos um projeto de montagem de espetáculo, que foi aprovado na Secult -Pa via, lei Aldir Blanc, com o título *Já assinou o abaixo assinado?* Cujo texto é sobre a importância de lideranças comunitárias em três bairros de Belém e distrito de Icoaraci, seriam os bairros do Jurunas, Marco, Bengui e Icoaraci.

Minha mãe, foi a inspiração deste projeto, servidora aposentada da área da saúde, que fazia de nossa casa um consultório popular com as suas vendas de remédios e que conhecia toda a realidade de sua vizinhança e do que é ser um morador de bairro periférico e a ausência de políticas públicas. Os outros personagens dos bairros viriam com a pesquisa em campo nos bairros indicados. Essa seria a proposta inicial.

Figura 22 - Desenho produzido na disciplina Seminários Avançados I. Ano 2023




Fonte: Arquivo pessoal.

As reuniões da equipe do projeto já estavam ocorrendo, fomos ao encontro de

algumas personalidades influentes dentro de suas comunidades nos bairros citados. Mauricio Franco é o diretor do espetáculo, e com Wellington Romário, Kattyane Nunes, começamos a elaborar o nosso plano de cena para os temas que viriam a ser abordados no espetáculo. E muitos temas foram surgindo, todos recorrentes enfrentados por nós.

Em 2019, no Brasil e no mundo se instaura a terrível pandemia da Covid-19, e atravessa o ano de 2020, o projeto ficou parado, pois não tínhamos como continuar trabalhando nesse caos. Tivemos muitas pessoas queridas que partiram deste plano vítimas do coronavírus, dentre tantas vítimas fatais, uma delas foi a minha mãe, a D. Mira, a minha queridosca. No dia 20 de março de 2021, ela saiu de cena aos 70 anos de idade. Dois meses depois, ela completaria os seus 71 anos. No dia seguinte, escrevi nas redes sociais o texto a seguir:

Um projeto aprovado e várias vidas partidas

Vai minha vida, teu caminho é de Paz e de Amor. A tua vida é uma linda canção de amor. Se todos fossem no mundo iguais a você . Mãe, minha godinha, a D. Mira, a queridosquinha a Roca...fostes tantas em uma e em nós !!! Ontem a casa ficou vazia de você que preenchia tanto ela nesses espaços. A cadeira que era o seu trono pra vender os seus remédios também está. O seu quarto consultório só há ecos e miragens ecoando pro infinito além. A nossa cama e a nossa rede que revezavamos por tanto tempo, como vão ficar sem você? O nosso café da manhã agora vai vir com outro gosto. É um cheiro de saudade no ar. Foste, é e será sempre Amor. O poeta já dizia que " As pessoas não morrem: ficam encantadas". Então vamos nos encontrar em outro tempo, local e espaço. O seu olhar lindo, singelo e incrível, vão nos acompanhar. Deste muito amor e foste muito amada. Tua partida ecoou em tantas ruas e as orações e energias para sua melhora foram muitas. Deus te receba. Olhe por mim, pela Catarina e por todos que sempre te quiseram bem pertinho e alegre. Muita luz para a sua nova jornada. Um dia muito triste. Ficamos sem você mirosquinha. Eu e Ana Catarina agradecemos a todos os tios, tias, primos, primas, amigos e vizinhos, vocês foram pessoas muito amadas por ela. Gratidão pelas orações e energias. Não temos nem como agradecer vocês. Mamãe não resistiu ao Covid e nem às complicações que ele causou. Descansou e virou encantada. Te amo. Te amamos !!!! (publicado do facebook 22/03/2020)

Em setembro de 2021, era o prazo final para a execução do projeto, e como retornar ao projeto sem a pessoa que seria homenageada pela grandeza que ela foi neste plano. Então, criamos força para nos reunirmos novamente e chegar a conclusão de que o espetáculo, em vez de falarmos de todas as lideranças, nós recalculamos a rota. E decidimos que o espetáculo seria para ela. Ela seria todas as vozes de nós. E começamos a pensar em como seria construir essa dramaturgia. Pensamos como é viver com essa ausência da presença, e como seria falar de

saudade e dos dias sem ela após a sua partida.

Figura 23 - Aprovação no Vestibular eu é D. Mira. Ano 2012



Fonte: Arquivo Pessoal.

O processo de criação desse espetáculo passa por várias etapas de experimentações através das linguagens artísticas até a sua apresentação. Como destaque este trecho em que Souza (2021) diz:

Alguns artefatos como fotografias, roupas, objetos de uso pessoal, que eram muito utilizado ou relacionado ao ente querido morto também se tornam peças de valor afetivo (com caráter de lembrança, registro histórico ou documental) e passam a ser reverenciadas, constituindo-se em objetos de culto e de devoção, dentre os quais as imagens do morto ocupam lugar de destaque. Souza (2021, p. 75).

Para encenar ao público como são os dias da minha vivência em casa, sem a presença de minha mãe, observo esses dias no amanhecer, entardecer, anoitecer e através de álbuns de fotografias, vídeos, desenhos, pinturas, músicas, livros e construções de textos, vou criando um repertório imagético, e sem a minha bússola norteadora, mergulho no mais íntimo subterrâneo das águas profundas de minha vida e solidão. Mas, sempre sabedor que preciso respirar e sair debaixo d'água.

Ao emergir, de junho a setembro de 2021, na casa que juntos habitamos, onde hoje só há ecos, surtos e miragens. Ela vem com muita criatividade, percebo que essa casa que habita em mim, precisava se transformar em um espaço cultural

e concretizei essa nossa vontade, a casa hoje tornou-se o Espaço Artístico Cultural D. Mira. Onde ela habitou por 70 anos e está presente aqui de outra forma. Mas, sempre presente em e *in memoriam*, em seu lar do habitar.

Figura 24 - Laje de casa. 2020



Fonte: Foto Arquivo Pessoal.

A vida me pegou em uma rota bem trilhada em conjunto com ela. Saudades das nossas conversas íntimas, às vezes, amargas e a maioria das vezes muito doce, tão doces para pactos eternos, com a sua presença em ventosa rua batendo em meu rosto e tentando me conectar a você. Fui no trilho avesso, quebrei os próprios paradigmas nesse caminho, os trilhos se tornaram as águas profundas novamente, outro subterrâneo íntimo de nossos poços profundos. Passei por estradas com muitas fumaças e ia imaginando muitas imagens abstratas com os sentimentos mais profundos escancarados para encontrar as formas, linhas e as retas.

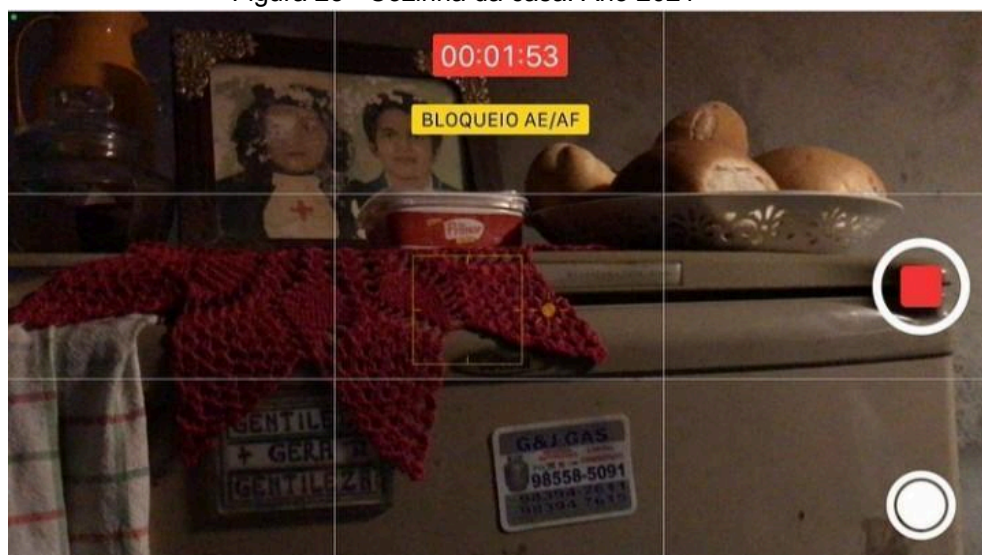
Sigo respirando

Um Tajá nasceu nesse período, o café solitário com a mesa montada apenas com uma xícara de café e com o pão que o diabo amassou, comi e esmigalhou na minha cara. Era o meu melhor alimento. Deu pra eu sentir o gosto doce e muito

amargo da vida. Após a sua morte eu, junto com o Romário, escrevemos o projeto de mestrado para a turma de 2021. Não fui aprovado, faltou algo. Sempre falta algo em nossas vidas. Tentei em 2022, e aprovei, foste a minha maior intercessora. Foi e é pra você. Este é um de um de nossos pactos revelados e deu certo.

Meses após a tua partida, o Wellington Romário e Luciano Cantanhede a Luly, sentamos para escrever e traçamos o que seria o espetáculo Mira o Amor que Parte. Mira o Amor que fica. E desenhamos o espetáculo de quais momentos de minha relação com a mamãe iria para cena, para a construção dessa dramaturgia da saudade, então, fui ativando memórias desde minha infância até a minha fase adulta e rabiscando esses momentos que o tempo plasmou. Queríamos com essa montagem, falar sobre os dias da saudade e como é vivenciar esse lugar sem a presença da matriarca em sua casa ao qual ela sempre habitou.

Figura 25 - Cozinha da casa. Ano 2021



Fonte: Foto de Luciano Cantanhede.

Ao lembrar de momentos da minha infância para a construção do texto, vou narrando para os colaboradores as histórias com minha mãe. Os momentos que ia com ela para o trabalho no hospital selecionamos, as caminhadas na praça da Batista Campos, colhendo mangas e nos dirigindo até a livraria para olharmos os livros, antes de ficarmos na parada de ônibus e ajudá-la em seus ensaios para ela cantar, pela primeira vez, solo na igreja, decidimos que seriam encenados.

Para os momentos de minha adolescência, traçamos os dias que ela saía pela manhã para trabalhar e ao se arrumar ela sempre pedia a minha ajuda para encontrar os mesmos objetos que ela usaria diariamente como vestir a meia calça,

pegar as saias brancas, o crachá de identificação, os óculos que muitas receitas para comprar os remédios ou os dados escritos em sua agenda para fazer o cadastro de algum vizinho que queria a sua ajuda para uma consulta. Sinto saudades diárias da agonia das 11h que ela me chamava aos gritos e com pressa se não ela perderia o ônibus que passava às 12h.

Figura 26 - No banho de casa. Um dia após a morte da mamãe. Ano 2021



Fonte: Foto de Labo Yong.

Na fase da juventude, frisamos os conflitos que tivemos sobre a minha sexualidade, uma fase de aceitação pelo seu amor e respeito de minha mãe por mim. Se fosse maltratado por alguém na rua ela viraria uma onça. E qual mãe não se transformaria para defender a sua cria? Ela se transformava de uma hora para outra. E, logo em seguida, dava o seu colo. Saudades desse afago. Ainda sinto em casa o seu cheiro de mãe protetora que me esperava chegar da escola e lá estava ela me esperando para dar um abraço e marcar o território de sua proteção.

Ao escrever a minha fase adulta para o espetáculo, enfatizamos a

importância de minha mãe e a falta que ela faz para a comunidade que ela residia, pois com a sua generosidade ela transformava a sua casa em um consultório médico, quase que funcionando dia e noite, atendendo as pessoas e vendendo remédios a preços muitas das vezes abaixo do custo. As pessoas que vinham ao seu encontro em busca de remédios para solucionar as dores, chegavam até ela e a dor era na maioria das vezes solucionada. Se não fosse por remédios eram pelas palavras de motivação que ela prontamente abria a sua bíblia e fazia uma poderosa oração. E para a saúde qual é o remédio? Esse não está nas bulas. Vive-se 24 horas de intensas saudades de imensas saudades.

Figura 27 - Objetos de afeto da casa



Fonte: Foto de Arquivo Pessoal.

Nesse período, mamãe possuía um aparelho de telefone por muitos anos, os números de seus contatos eram anotados em sua agenda que continham também frases de palavras de sabedoria que ela recortava dos jornais que ela lia diariamente. As ligações do seu telefone eram constantes para os números que ela sabia decorado, amanhecia e ela ligava para a minha irmã para desejar um bom dia, para a sua irmã tia Teca para saber como ela tinha passado a noite e, semanalmente, ela ligava para a sua outra irmã tia Nilda, para saber como ela estava e qual seria o palpite para o jogo do bicho. Ela fazia a sua fezinha. Ao

anoitecer, quando eu chegava em casa para jantarmos e conversarmos sobre como foi o nosso dia, ela deixava sobre a mesa a parte Cultural do jornal, o Caderno D, do Jornal o Diário do Pará, se estivesse acontecendo uma exposição, shows e espetáculo na cidade ela saberia me informar. Ela comprava o jornal todos os dias e depois emprestava para os vizinhos. Menos a parte cultural, essa era confiscada em casa. O telefone nunca mais tocou. A matéria saiu no dia da estreia. Guardei por você, mamãe.

Figura 28 – Exemplar do Diário do Pará



Fonte: Diário do Pará.

Ao amanhecer, o meu despertar era o cheiro do café e os seus gritos chamando o seu fiel escudeiro de afazeres fora de casa o coloradinho, responsável por ir comprar o pão e de buscar os remédios que ela encomendava nas farmácias, logo em seguida, me chamava de Chiquinho, para tomarmos café e junto já falava das opções do nosso almoço, se íamos comer carne assada, frango ou peixe. Eu acredito que a carne assada sempre ganhava. Era o seu carro chefe e olha que ela não era de se dedicar aos afazeres do lar. Os sábados, ela ia para a cozinha, era sagrado ter o camarão com açaí, prato especial para a minha irmã. Ecos da sua voz,

do cheiro de sua comida e esse silêncio ensurdecedor.

Percebi que durante esses dias reclusos em casa, após a partida de mamãe, com a entrada no mestrado e que eu pesquiso o primeiro espetáculo que eu entrei no grupo cênico e vi que essa pesquisa é muito grande. Há tantas semelhanças nessa escrita tanto no espetáculo Quando os caramujos vão ao funeral, que é muito potente pela belíssima tradução de Neuza Titan, mostrando que, apesar do dia nascer cinza em nossas florestas íntimas. O sol nasce vibrante iluminando essas mesmas florestas de um casulo.

Figura 29 - Período de Reforma da casa 2021



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nesse caminhar, me deparo com esse processo de criação do espetáculo, falo na cena dessa relação de amor e saudades após a sua ida, temos tantas miras dentro de nós, há várias miras na vida e há as miragens de eu ver a mira. Mirar no que ficou, esse local que ela habitou e que foi muito dela. Muitas miras, de minhas memórias, têm cheiro de saudades. E não esquecer desse alvo na mira que ficou para nos dar vida e ajudar a seguir apesar dos dias. É com uma dramaturgia tão visceral de saudades, e com a certeza que esse amor nunca acaba. É ele que nos dá força pra caminhar pra esse sol. Apesar de muitas tonalidades, escrevemos esse

viver na saudade. Uma dramaturgia de saudade para esse espetáculo que tem o seu nome e batizamos ele de Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica. E Acreditem, ele fica.

Para compor essa escrita fui percorrendo caminhos mais secretos de mim, vou para campos de memórias mais sagrados de minha vida, vou revelando passos de nossas relação íntima e muito sagrada como se fossem os nossos ritos do que é viver a vida com as quebras de padrões de normatividade e ela vem e quebra com tudo isso. E ensina a viver apesar de... a ideia de escrever o espetáculo neste momento de habitar na casa e ela ausente para nunca mais ter a sua presença. É muito difícil. Nunca mais é muito distante e faz dar voltas ao mundo. 2021 foi um ano que não terminou, não teve fim. Estou no 21, plasmei lá, ecos e surtos dele. Mas, já vivendo, pois o tempo é implacável e não cabe deixar a banda passar. O 21, tá cravado no meu peito, perdi o norte a estrela guia a bússola da linha do viver. Acordar é desafiante. Viver de nossas memórias de muito amor foi um de nossos pactos.

Figura 30 - Espetáculo Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica. Ano 2023.



Fonte: Foto de Luciano Cantanhede.

Em setembro de 2021, Depois de seis meses, passando como um feixe de luz...a do fim do túnel, a da lanterna dos afogados. Ela habita. Um projeto aprovado e uma vida partida, várias vidas partidas, telhados descobertos pela ventania, janelas e portas trancadas. Percorremos....andamos..palavras...forças...

recomeço..andarilho...Nasceu o espetáculo de emergência e calamidade pública. Nasceu e será apresentado a vocês. Nasceu, junto com um espaço que leva o seu nome. O espaço artístico D. Mira. Em sua laje para homenageá-la.

Faltam muitas...muitas respostas.

É solo? Parece um solo? É duplo? É de muitos na cena? É um Ode a Queridosca.

É um Ode a nossa memória. É um Ode ao Amor de tantos.

Figura 31 - Paisagem da Laje, 2021



Fonte: Arquivo Pessoal.

"...O mundo até sorriu e o tempo até parou...",, 🎵

0.5 e sempre esperando esse tEU regresso.

Olhos de gavião na laje Café com uma xícara

Não são mais dois pães

Não tem mais os pratos inventados O telefone não toca mais
Olho pra ele pra querer aumentar o volume Cadê a voz pra ser ouvida.
Silêncio

Agendas com mesma ordem dos contatos Ana Catarina filha , Adilson filho ,
Teca... Janela vazia e porta fechada
E a camisola baila. Bailado de última dança Não tem mais o chamado do
prato do dia
As saias pretas , e a vida querendo ser colorida

Latas amassadas e fumaça querendo luz pra criar imagem.
Não tem mais moedas de 1 real guardadas pra levar pro Lucas. Não esquecer
o que fomos é mandamento
Como vai ser é a busca do como será Flores verdes verdes flores .
Saudades da agonia das 11h.

Pegar sapato, meia, roupa branca, bolsa , crachá. Não pude colocar a tua
roupa.
Te montar era meu prazer diário. Voa passarinho !!!!
Farol do rio.

Maria Lúcia Medeiros escreveu uma carta para a sua irmã Ieda. Dizendo que
são os meses de junho e julho que mais fazem recuar no tempo. Bati uma nostalgia
tão grande se é grande é também profunda. Vem arrancando raízes, derrubando
árvores e folhas ao vento. Os meus são os meses do derradeiro Maio e Junho e fico
exatamente com as palavras da escritora paraense. Eu recuo no tempo, eu rodopio,
plasmo, sigo, volto, caminho e caminho, canso, giro, desço, subo, despenco. Volto
pra cena, foco de luz, saio de cena. Black total. Avançar no tempo, nesses tempos.
No último 27 de maio, mamãe faria 72 Anos. Ela na foto linda e do jeitinho que ela
era, esse olhar dela que marcou tanto as nossas vidas. Queria te olhar novamente.
Mas aos 70 foi o seu tempo. Tempo de muito amor. Meus parabéns queridosquinha.



Figura 32 - Espetáculo Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica. Ano 2023



Fonte: Foto de Marcelo do Carmo.

- **Direção do espetáculo**

Com o texto pronto, começamos as leituras e, posteriormente, os ensaios no espaço cultural D. Mira, localizado em minha residência para a nossa estreia. A direção foi de Maurício Franco, um artista ao qual eu admiro muito pelo modo de fazer teatro nesta cidade. Eu queria a sensibilidade e o olhar do diretor neste processo. Optamos por um cenário que fosse um quarto de casa em que o público remetesse a sua casa, adentrando na minha. Na cena, uso os próprios objetos de mamãe como a mesa, cadeira, telefone, agendas, prateleiras de remédios, xícaras, pratos, fotos de nosso álbum da família e a sua bíblia sagrada fazendo com que em cada cena esses objetos criassem ligações místicas.

Para o diretor do espetáculo ele afirma que esse espetáculo é construído em cima de uma matéria que é muito volátil que é a minha saudade, e juntos vamos construindo um espetáculo que faz pensar na relação da mãe com o filho que constrói e transforma. Eis abaixo trechos de uma entrevista concedida pelo Mauricio,

Esse processo do Mira eu quero falar que ele é um processo de afeto, desde o início, mesmo ele dentro do pensamento mais político, sobre esse olhar do líder comunitário. A questão já vinha com essa relação do afeto dentro da comunidade, quando o projeto é atravessado pela pandemia, tudo muda e a gente foca na D. Mira, tudo que íamos denunciar se concretiza, e ela acaba sendo a matéria prima principal em uma outra roupagem porque aí entra o Adilson. A gente acaba entrando dentro de um museu de memórias, de memórias da dona Mira mas através do olhar do Adilson isso foi um exercício muito legal através do olhar do Adilson, tudo que tu sentiu que tu viu, tudo tava muito a partir de ti, a minha função era criar uma poética em cima daquilo que tu tava falando, de tudo isso que tu tava vivendo. É um espetáculo nostálgico. Eu não conhecia a D. Mira, mas a partir do espetáculo tu acaba conhecendo. O espetáculo tem diversos momentos. O momento que tu conheces pelo olhar da comunidade e pelo olhar do Adilson, Tipo de espetáculo que fala de família, Um grande jogo, A cabeça da Dona Mira era um grande jogo. É a saudade em diversos tons. (Maurício Franco. Entrevista concedida no dia 18/09/2024).

- **Figurino do Espetáculo**

O figurino foi pensado por Wellington Romário e Rosana Alves, estiveram comigo nessa fase de minha vida. Eles conceberam dois figurinos para a montagem ao qual foi uma espécie de manto de proteção e acolhimento com as camisas coloridas de malha que a mamãe gostava muito de usar, um patchwork, ele possui dois lados o outro é branco para usarmos as projeções de fotografias na cena se for preciso. O outro figurino foi um conjunto com bermudas e camisas coloridas de malha para me dar conforto e agilidade em cena. O manto fica exposto no cenário complementando a cenografia, quase no fim do espetáculo revela-se ao público a sua função na cena. Uma dessas funções é ativar o imaginário do público com um antiga brincadeira embaixo dos lençóis. Vou recriando meu mundo infantil de brincadeiras com ela. Esse momento é encantador

- **A Iluminação**

A Iluminação do espetáculo ficou aos cuidados e experiência de Thiago Ferradaes, um profissional da luz, vai captando os momentos e a delicadeza da dramaturgia ficando livre para trazer as experimentações para os dias de ensaios e fazendo com que o seu olhar iluminado percebessem as cenas e como ele iria operar colando nessa dramaturgia da saudade a sua poética da luz na cena. Ele desenha uma luz para o espetáculo ao qual o mesmo vai brincando com as

tonalidades das cores, valorizando os objetos na cena, as músicas, os textos e isso eu acho o máximo, quando estamos trabalhando em sincronia. Ele compreende nesse processo que não é uma espetáculo de morte e sim de vidas.

Eu inicio a cena em uma pequena luz, fazendo uma penumbra e ela vai se transformando no decorrer, depois ela luz muda de tom vai abrindo aos poucos, lentamente um outro brilho, a atmosfera da cena vai sendo mudada por essa luz, vai acompanhando as fases do espetáculo perfeitamente. Ter uma luz para a casa que a gente habita e percebe que algo mudou ali após a partida de alguém me marca muito. Brigar com essa luz que quer se apagar porque alguém se foi é travar um duelo e desafiante aos olhos do outro. Optei por sempre ter luzes acesas em casa, fugi da penumbra e da fase cinzenta, até criar forças e sair de nossos poços e ir acendendo todas, algumas luzes de nossas casas ficam apagadas para sempre, outras depois de um tempo são acesas. Algum feixe de luz precisa ficar ligado em nossas vidas. Para isso leva-se um tempo.

Quando o iluminador abre todas as luzes dando cor e vai revelando a claridade que está sendo instaurada no palco, é perceptível que estou renascendo, a luz faz essas nuances em cena de forma deslumbrante. Logo em seguida as luzes coloridas ganham o palco, fechando o espetáculo com grande jogo de luzes colorindo a minha e nossas vidas. A luz impecável, reforça o nosso trabalho coletivo e sincronizado com a dramaturgia e encenação, um trabalho que fica gravado nas retinas de nossas pupilas.

- **A Trilha Sonora**

A trilha sonora do espetáculo foram selecionadas as músicas que sempre costumava ouvir, elas me atravessavam de alguma forma, e nos dias reclusos com a partida elas ganhavam uma liberdade de criação poética muito particular, que ao ouvi-las me acalentava e meus pensamentos se conectam muito a minha mãe pois são canções que estávamos junto. Começo encenando com a música, *Teu Regresso na Voz de Vanusa*. No trecho da letra, *“Volta correndo que estou sofrendo imensa é a vontade de te ver, de te abraçar”*. De tanto escutar sobre esse regresso que não vem e a vontade desse encontro, descobro nos ensaios que os objetos de cena são os meus encontros com tudo que há de sagrado que deixa de material. Ela está neles. Nos encontramos de alguma forma.

As flores do Jardim de nossa casa de autoria composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos na voz de Maria Bethânia, foi a segunda música inserida na cena do espetáculo, no trecho *“As coisas que eram nossas se acabaram, tristeza e solidão é o que restou, as luzes das estrelas se apagaram. E o inverno da saudade começou”*, lembra-me de várias tarde que passei na laje de casa deitado na rede, fazendo reflexões de minha vida sem ela, neste jardim secreto eu começo a colocar cascas de batatas dentro de um balde com terra de plantas e nasce um tajá esplêndido me colocando para questionar que apesar das adversidades as coisas em nossas vidas voltam a florescer. E o trecho a seguir vem afirmar a importância de cultivarmos com muito carinho e cuidado os nossos jardins íntimos, *“Mas não faz mal, depois que a chuva cair, outro jardim um dia. Há de reflorir”*. O meu tajá que plantei e reguei com lágrimas, refloriu. Está ativo e imponente. Será que saberemos como nascem os tajás depois da chuva e de cairmos no poço. Nós nos acostumamos e criamos intimidades.

Passeio na cena com uma dança bailado com a música gospel, Deus está aqui de autoria e interpretação da cantora Jacira Silva, solto a voz e o corpo em uma disputa para convencer a minha mãe a cantar pela primeira vez na igreja, ela já havia ensaiado por semanas para se apresentar e no dia da apresentação ela quer desistir. D. Mira sempre tinha uma palavra de conforto e otimismo sobre as percepções de vida, ela era procurada por vizinhos que chegavam aflitos e encontravam com ela uma palavra de fortaleza, em vários momentos em casa eu escutava ela cantarolar essa música com este trecho, *“ Deus está aqui, entregue a ele o teu problema. Deus não promete pra falhar, espere em Deus, irmão. A tua bênção vai chegar”*. Coloco em cena esse fato através dessa canção que me toca profundamente. Quando lembro que ela sempre me incentivou a fazer teatro lembro-me dessa minha atitude com ela. O palco é para a generosidade, o carinho e afeto.

A música, Mãe composta por Caetano Veloso, na maravilhosa interpretação da cantora Gal Costa, é a trilha sonora que foi escolhida por mim, pois através dela e de sua sonoridade fui criando e experimentando cenas, costurando textos ao qual foi dando certo, sendo a música que faz revelações de muitos atos com os objetos pessoais utilizados em cena, ficando a impressão de que a casa entrou, saiu e foi deixando marcas dessa tempestade, dessa separação sem caminho. No trecho a seguir, *“Eu sou um homem tão sozinho,mas brilhas no que sou. E o meu caminho e*

o teu caminho. É um nem vais nem vou”. É a identificação com o desfecho de cena e com a reflexão para o público de como é seguir sem esse amor, sem os nossos amores, ficando talvez uma receita de o que fazer nesses dias sem essa presença viva material.

Um áudio com a voz de D. Mira fica ecoando na plateia, as luzes vão diminuindo e surge uma projeção do seu rosto por trás do vaso de tajá, me desconecto do telefone, fecho as prateleiras de remédios, viro as xícaras de café, recolho as fotografias, fecho as agendas, guardo a bíblia. Vou saindo aos poucos de cena. Black total. E como prova de vida que nada dura para sempre, que nós não ficamos sempre no fundo do poço, as nossas pequenas alegrias da vida, tem que ser partilhadas com os que estão conosco nesses processos da vida. Retorno ao som de Massa Real, música de Caetano Veloso na voz vibrante de festa de Gal Costa, na letra da canção, *“É o meu carnaval, hoje eu só quero amar, hoje eu não quero sofrer, não quero ver ninguém chorar, hoje eu não quero saber, de ouvir dizer que não vai dar. Vai ter que dar, vai ter que dar. Esse é o meu carnaval”*. Faço nesse momento o meu carnaval para me despedir do público e receber os aplausos, sorrisos e abraços da preciosa plateia que puderam assistir ao espetáculo de um diário íntimo. Mira passa e mira fica presente.

Registro de ocorrências escrito por Wellington Romário - Byxa do Mato, dos dias vividos intensamente em nossa casa,

Mira o que passa mira o amor que fica, ficou em mim o amar e ser amado. Em um dos muitos dos dias que escrevíamos o projeto para submeter ao edital sob o calor e sons da Jacob, rua do Adilson, recebi um eu te amo de dona Mira, tive a honra de sentir um pouco do que depois mergulhamos através da tecnologia que Adilson nos apresentou, que ele nomeia de dramaturgia da saudade, para dali em diante falar de recomeços, de abraços presentificados através da memória, que dança oscilante entre muitos mundos.

Alguns almoços alegres que pude compartilhar com Adilson e dona Mira, na mesa de trabalho que também era mesa de conviver, vinham acompanhando de pausas para que seu ofício de conselheira, cuidadora, enfermeira da comunidade fosse exercido. Entre comentários atenciosos e preocupados sobre a situação delicada de cada pessoa vinha o riso também debochado sobre alguma situação dos seus clientes amigos. Assim muitas vezes vi Mira deixando o amor ficar na comunidade, além de tantas histórias que ouvi na lage tendo as telhas de brasilite como testemunhas e os vizinhos fofoqueiros também. Histórias que levaram muitas pessoas a um lugar de suspensão ao ver espetáculo que Adilson faz com que a gente navegue por uma afetuosidade líquida, de água que só é possível a gente viver nesta cidade de matriarcas.

Eu vou aqui lembrando em espiral, o espetáculo também acontece numa

linguagem espiral, com fundamentos que podemos supor um antes do que se apresenta diante do espectador, começos de histórias que não sabemos seu fim ou contrário, um diálogo de intimidade partilhadas numa calçada, entre a busca de um alívio pra dor e pra tanto mais.

Esse projeto é muito especial pra Adilson e fica pra nós também, eu costumo afirmar que ele é uma tecnologia pra enfrentar a ausência do toque, mas tem a substância da memória que envolve força e encoraja a seguir os passos que alguém encorajou com amor e dedicação.

Começamos o projeto com o norte de falar sobre lideranças comunitárias, e já tínhamos uma referência nos escutando como desenvolver um espetáculo sobre a importância, a loucura, o afeto e as tantas tramas que essa pessoa se envolve, envolve escreve... Quando Dona Mira se vai o amor fica, ganha proporções que Adilson conhece bem melhor que nós que ali estivemos ocupando cômodos da casa, alegrando momentos que a memória ia fundo na saudade na ausência no medo no desconhecido, são muitas camadas, só Adilson sabe o som delas, o silêncio que ecoa, o cheiro exalado, as histórias das roupas, as anotações nos cadernos, os hinos... As brincadeiras, os soluços e tanto mais. Esse espetáculo é uma tecnologia partilhada que Adilson pode acessar remexer e nós do suporte técnico artístico intervir, e ainda assim vem outras maresias, vem outras formas de se habitar a casa a história a memória o amor que fica...

A ocorrência de Angie após assistir o espetáculo descrito por ela segue em texto abaixo:

Obrigada, amigo, por me permitir memórias afetivas muito fortes em relação ao trabalho de cuidar, que é a prática de quem milita na saúde pública. Não é só o cuidado como profissão, é o cuidado com o coletivo, a comunidade, a vida que passa na sua janela, às vezes, esquecendo o próprio auto cuidado. Sua arte provoca o desassossego em várias situações cotidianas, a mulher negra e sua luta diária, o olhar sensível do menino de mãos dadas com a mãe, no trabalho, pela praça, na religião, na livraria, te mostrando outros caminhos. Parabéns pelo show de sensibilidade para transformar coisas cotidianas em arte, principalmente o luto, a dor, a impermanência, em algo tão forte, denso e transformador pra sua vida. Muito orgulho de você.



Figura 33 - Espetáculo Mira o Amor que Parte...Mira o Amor que Fica. Ano 2023



Fonte: Foto de Marcelo do Carmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esses dois anos na pesquisa para o mestrado, percebi que os dois espetáculos analisados possuíam semelhanças de grandes perdas de pessoas importantes em nossas vidas, tanto na adaptação saudosista de Neuza Titan como na escrita da dramaturgia do meu espetáculo. Essa dramaturgia da saudade é definida como um ato de auto cuidado pessoal. Passar por esses momentos de perdas é perceber que a cada dia é importante lembrarmos desse amor que partiu, e vamos construindo mecanismos para variadas formas de viver sem nossos encantados ... e continua.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)**. Tese de Doutorado. História, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, da Universidade Federal do Pará, 2016 (p.21-22).
- BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Memórias Cênicas: Poéticas Teatrais na Cidade de Belém (1957-1990) - Memorialista**. Belém: IA, 2013.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BRECHT, Bertolt. **Teatro Dialético**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CHARONE, Olinda Margaret. **Faz e não faz de conta: a criança-interprete e sua compreensão do processo de encenação**. Belém: O autor, 2011.
- CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. **1920-1977 - Entrevistas**. 2. Cultura Brasil Discursos, Conferências etc. 3. Literatura – Discursos, Conferências etc. 4. Música – Discurso, Conferências etc. 5. Esportes - discursos, Conferências etc. I. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- MARQUES, Izabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez: 2007.
- REVERBEL, Olga. **O teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: Olímpio, 1979.
- ROSA, João Guimarães de. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SOUZA, Patrícia Abud. Construindo memórias: produção de álbum objeto artisticográfico ilustrando a vida e morte das memórias de uma família libanesa em Belém, 2020.

SPOLIN, Viola. **Improvisação Para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.